

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**EDUARDO LEANDRO ALVES**

**BRASIL, UM PAÍS DE FÉ:** Por que o maior país católico do mundo,  
também é o maior país pentecostal do mundo?

**SÃO LEOPOLDO**  
**2012**

## **EDUARDO LEANDRO ALVES**

**BRASIL, UM PAÍS DE FÉ:** Por que o maior país católico do mundo,  
também é o maior país pentecostal do mundo?

Trabalho Final de Mestrado  
Profissional  
Para obtenção do grau de Mestre  
em Teologia Escola Superior de  
Teologia Programa de Pós-  
graduação Linha de pesquisa –  
Ética e Gestão.

**Orientador: Dr. Oneide Bobsin**

**SÃO LEOPOLDO  
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A474b Alves, Eduardo Leandro

Brasil, um país de fé: por que o maior país católico do mundo, também é o maior país pentecostal do mundo? / Eduardo Leandro Alves ; orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.

72 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Religiosidade. 2. Igrejas pentecostais – Brasil. 3. Brasil – Usos e costumes religiosos. 4. Assembleia de Deus – Brasil. I. Bobsin, Oneide. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

## **EDUARDO LEANDRO ALVES**

**BRASIL, UM PAÍS DE FÉ:** Por que o maior país católico do mundo,  
também é o maior país pentecostal do mundo?

Trabalho Final de Mestrado  
Profissional  
Para obtenção do grau de Mestre  
em Teologia Escola Superior de  
Teologia Programa de Pós-  
graduação Linha de pesquisa –  
Ética e Gestão.

**Oneide Bobsin – Doutor em Sociologia – Escola Superior de Teologia**

---

**Júlio César Adam – Doutor em Teologia – Escola Superior de Teologia**

---

A minha amada esposa Ângela.  
Dedico.

Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.

Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.

Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.

Apóstolo Paulo - Cl 1.13-20

## AGRADECIMENTOS

Ao Todo Poderoso, razão da minha existência, Salvador da minha alma.

À minha esposa Ângela, amor da minha vida, agradeço a paciência e a compreensão nos momentos de ausência, seus auxílios acadêmicos foram fundamentais.

Ao meu filho Eduardo Jr. No momento que escrevo este texto ele tem apenas três anos, mas é um fator de inspiração. Não posso deixar a fé como herança, pois ela não pode ser herdada, precisa ser crida. Mas quero lhe deixar o exemplo para que ele possa descobrir o caminho de amar a Deus, na pessoa de seu Filho Jesus.

Ao meu amigo e Pastor José Carlos de Lima, que tem possibilitado o meu desenvolvimento acadêmico, tem apoiado meus estudos, assim como a formação continuada dos membros da AD na Paraíba.

Aos irmãos e amigos da AD na cidade de João Pessoa, onde temos o prazer de servir a Deus e vivenciar no dia a dia a graça e a misericórdia de Deus. Assim como presenciar na prática o crescimento do qual este texto de pesquisa trata.

Às professoras Joyce E. W. Clayton e Barbara Burns. Vocês sempre me acompanharão.

Ao Dr. Oneide Bobsin, meu orientador de pesquisa. Suas orientações e intervenções funcionaram como um bisturi nas mãos de um excelente cirurgião.

Aos colegas de Mestrado, companheiros de trabalhos em grupos, cada um de nós fazemos parte da formação do outro.

À minha mãe, irmãs e irmãos.

A todos, muito obrigado.

## RESUMO

Esta pesquisa busca mostrar que no Brasil houve várias influências religiosas que geraram, a partir da mistura entre os povos e suas religiões, um povo místico bastante voltado para o sobrenatural. Assim, com a chegada dos Missionários Pentecostais em 1910, a Teologia Pentecostal encontrou um terreno fértil, pois a mensagem anunciada apresentava Deus intervindo de forma visível na vida do povo, curando as suas doenças, salvando a sua alma e gerando a esperança de salvação eterna. Sendo assim, investiga-se em que medida a cultura religiosa brasileira, fruto das várias etnias que formaram o que hoje chamamos de povo brasileiro, favorece a Teologia Pentecostal Clássica e o seu desenvolvimento nas várias camadas da sociedade brasileira. Para isso o texto apresenta de forma introdutória a história religiosa dos colonizadores; mostra as expressões religiosas que havia no Brasil antes da chegada dos colonizadores, assim como a religiosidade que os negros africanos trouxeram ao Brasil; relata a chegada dos primeiros missionários protestantes; analisa a chegada dos missionários pentecostais no Brasil com a Teologia Pentecostal Clássica, assim como as possíveis causas do seu crescimento no Brasil. Passando, então, a questões contemporâneas relativas ao centenário da maior denominação Pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus. Nesta análise supõe-se que a teoria de Max Weber da “afinidade eletiva”, pode ser somada com a proposta de Clifford Geertz, onde supõe-se que o desenvolvimento do Pentecostalismo Clássico no Brasil foi favorecido por questões sociais bem particulares da formação do povo brasileiro, que por afinidade, entre todas as possibilidades da teologia evangélica já presente, optou pelo Pentecostalismo, por afinidade cultural.

Palavras-chave: Religiosidade Popular. Teologia Pentecostal. Assembleia de Deus. Afinidade Cultural.



## ABSTRACT

This research aims to show that in Brazil, there were several religious influences that generated from the mixture of peoples and their religions, a very people-oriented mystical supernatural. Thus, with the arrival of Pentecostal missionaries in 1910, Pentecostal theology found fertile ground, because its message had God intervening in a visible way in the life of the people, healing their diseases, saving their soul and generating hope of eternal salvation. Therefore, we investigate to what extent the religious culture of Brazil, the fruit of the various ethnicities that formed what we now call the Brazilian people, favors the Classical Pentecostal Theology and its development in the various strata of its society. For this, the text presents in an introductory way the religious history of the settlers, shows the religious expressions practiced in Brazil before the arrival of the settlers, as well as the religiosity that black Africans brought to Brazil, reports the arrival of the first Protestant missionaries, analyzes the Pentecostal missionaries arrived in Brazil with a Classical Pentecostal Theology, as well as the possible causes of its growth in Brazil. Turning, then, to contemporary issues related to the centennial of Brazil's largest Pentecostal denomination, the Assemblies of God. In this analysis it is assumed that the theory of Max Weber's "elective affinity" can be added to the proposal of Clifford Geertz, where it is assumed that the development of Classical Pentecostalism in Brazil was favored in the forming of its people by very particular social issues that, because of affinity, among all the possibilities of the already present evangelical theology, opted by cultural affinity for Pentecostalism.

Key-words: Popular Religiosity. Pentecostal Theology. Assemblies of God. Cultural affinity.

## Sumário

|                                                                     |           |
|---------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                             | <b>11</b> |
| <b>I - UMA BREVE HISTÓRIA DA RELIGIOSIDADE DOS COLONIZADORES .</b>  | <b>14</b> |
| 1.1 Os Ibéricos .....                                               | 14        |
| 1.1.1 Os Portugueses .....                                          | 14        |
| 1.1.2 A Religião. ....                                              | 17        |
| 1.2 Os Espanhóis.....                                               | 19        |
| 1.2.1 Algumas características da Alma Espanhola.....                | 20        |
| 1.3 A Catequização dos índios e dos negros .....                    | 22        |
| 1.4 Os Negros .....                                                 | 25        |
| 1.4 O sincretismo religioso .....                                   | 27        |
| 1.5. as raízes da identidade religiosa popular .....                | 29        |
| <b>II. UM BREVE RELATO DAS MISSÕES PROTESTANTES NO BRASIL .....</b> | <b>35</b> |
| 2.1. Protestantismo missionário .....                               | 35        |
| 2.2. Antecedentes da Missão Pentecostal no Brasil .....             | 38        |
| 2.3. Uma Nova Opção Escatológica.....                               | 44        |
| <b>III. 1911: MISSÃO DE FOGO NO BRASIL .....</b>                    | <b>48</b> |
| 3.1. A mensagem pentecostal na alma do brasileiro.....              | 48        |
| 3.2. O desenvolvimento da fé pentecostal .....                      | 58        |
| 3.3. 2011: o ano do centenário.....                                 | 63        |
| <b>CONCLUSÃO .....</b>                                              | <b>66</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                             | <b>72</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>                                                 | <b>79</b> |

## INTRODUÇÃO

Acredita-se que a Sociedade brasileira é religiosa em sua essência. Pesquisas recentes demonstram que quase 100% da sociedade crê em Deus,<sup>1</sup> embora os caminhos que se creem que devem ser percorridos para se chegar a Deus possam variar de acordo com a religião que o indivíduo professa.

Ao chegarem a terras latinas e, obviamente ao Brasil, as caravelas portuguesas e espanholas encontraram aqui uma população mística, que possuía crenças animistas. Por outro lado, os próprios portugueses e espanhóis também eram religiosos e possuíam uma grande influência islâmica, como se pode observar na grande obra do sociólogo Gilberto Freire, *Casa Grande e Senzala*.<sup>2</sup>

Esta pesquisa busca mostrar que essas influências religiosas geraram, a partir da mistura entre os povos e suas religiões, um povo místico bastante voltado para o sobrenatural. Assim, com a chegada dos Missionários Pentecostais em 1910, a Teologia Pentecostal encontrou um terreno fértil, pois a mensagem anunciada apresentava Deus intervindo de forma visível na vida do povo, curando as suas doenças, salvando a sua alma e gerando a esperança de salvação eterna.<sup>3</sup>

Com isso pretende-se investigar em que medida a cultura religiosa brasileira, fruto das várias etnias que formaram o que hoje chama se de povo brasileiro, favorece a Teologia Pentecostal Clássica e o seu desenvolvimento nas várias camadas da sociedade brasileira. Para isso o texto busca apresentar de forma introdutória a história religiosa dos colonizadores; mostrar as expressões religiosas que havia no Brasil antes da chegada dos colonizadores, assim como a religiosidade que os negros africanos trouxeram ao Brasil; relatar a chegada dos primeiros missionários protestantes; analisar a chegada dos missionários pentecostais no Brasil com a Teologia Pentecostal Clássica, assim como as possíveis causas do seu crescimento no Brasil. Passando, então, a questões contemporâneas relativas ao centenário da maior denominação Pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus.

---

<sup>1</sup> VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 42, número 10

<sup>2</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala*. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

<sup>3</sup> ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

No momento em que o Movimento Pentecostal completa 100 anos de fundação da sua primeira Igreja no Brasil, a Assembleia de Deus fundada em Belém do Pará no dia 18 de junho de 1911 por Gunar Vingren e Daniel Berg, é por demais interessante fazer uma análise do contexto, pois é neste solo propício a novas experiências religiosas que a mensagem Pentecostal floresce. Não é sem razão que o Brasil é o maior Movimento Pentecostal do Mundo.

Aqui entra o centro da questão a ser pesquisada, o porquê de a Teologia Pentecostal Clássica possuir maior aceitação entre os brasileiros, provocando, inclusive, um aumento da influência do movimento carismático na Igreja Católica Romana em oposição ao Movimento Pentecostal.

Surge, então, a pergunta que norteia essa pesquisa: Por que, de todas as correntes teológicas protestantes que chegaram ao Brasil nos últimos 180 anos, o Pentecostalismo Clássico foi a que mais conseguiu atrair as pessoas por meio de sua mensagem e organização eclesiástica?

No final do Século XIX e em todo o século XX foram feitas e divulgadas diversas pesquisas sociológicas sobre a formação do povo brasileiro. A partir da segunda metade do Século XX vários pesquisadores começaram a se debruçar sobre um novo fenômeno em terras brasileiras, o crescimento dos evangélicos, em especial o “ramo” denominado Pentecostal.

Na produção desta pesquisa, toma-se por base o clássico “Casa Grande e Senzala” do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, assim como a obra de Darci Ribeiro “O povo brasileiro” e “Raízes do Brasil” escrito por Sérgio Buarque de Holanda. Além destas, serão realizadas pesquisas nas obras de Ricardo Mariano, Paul Freston, Leonildo Campos, João Décio Passos, David Bosch, Carlos Tadeu Siepierski, entre outros.

Em relação ao surgimento do Pentecostalismo Clássico, as informações são baseadas nas produções literárias do início do século XX sobre o avivamento ocorrido nos Estados Unidos da América e seus desdobramentos em terras brasileiras. Textos estes preservados em livros como “A história da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil” (CGADB), publicado pela CPAD e escrito pelo Jornalista Silas Daniel, baseado em pesquisas feitas nas atas de reuniões da

CGADB, assim como demonstrado pelo Dr. Stanley Horton na história da fundação das Assembleias de Deus nos Estados Unidos da América, no primeiro capítulo do seu livro “Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal”. Entre outras pesquisas realizadas em livros que são citados no corpo deste texto, ou em suas notas de referências.

# I - UMA BREVE HISTÓRIA DA RELIGIOSIDADE DOS COLONIZADORES

É impossível compreender a espiritualidade e a religiosidade vigente no Brasil (especialmente o catolicismo contemporâneo) sem considerar o pano de fundo histórico da formação da sociedade brasileira. Torna-se necessário considerar o tipo de catolicismo trazido pelos Ibéricos para sua colônia. A religiosidade dos colonizadores, como será exemplificada, era em grande medida intolerante e fanática. Neste caso é de grande relevância conhecer o passado para se ter uma compreensão mais correta do presente.

## 1.1 OS IBÉRICOS

### 1.1.1 Os Portugueses

O português que aqui chegou tinha capacidade de fácil adaptação ao clima tropical brasileiro, e de fácil miscigenação. Pois em suas terras, já tinham contatos com mouros, árabes e negros, o que os tornara menos avessos à mestiçagem<sup>4</sup>. Este contato com outras raças se deu por inúmeras guerras e disputas por territórios<sup>5</sup>. Diferente dos holandeses, dos franceses que abarcaram no litoral brasileiro.

A localização geográfica de Portugal era um ponto de contato, de circulação, intercomunicação e de conflitos entre elementos diversos, quer étnicos, quer sociais. E, o quase permanente estado de guerra, contribuiu para que os portugueses que aqui chegaram com suas caravelas, trouxessem em suas veias uma grande mistura étnica. Em sua maioria eram de descendência moura (africano) e europeia, mestiços.

---

<sup>4</sup> Ver Mapa 1, em Anexo.

<sup>5</sup> FREYRE, 1992, p. 266. O quase permanente estado de guerra em que viveu, por largos anos, Portugal, situado entre a África e a Europa, deu-lhe uma constituição social vulcânica que se refere no quente e plástico do seu caráter nacional, das suas classes e instituições, nunca endurecidas nem definitivamente estratificadas. O estado de conquista e reconquista, de fluxo e refluxo. Não deixou que se estabelecesse em Portugal nenhuma hegemonia, a não ser de momento. Nenhum exclusivismo - a não ser oficial ou superficial - de raça ou de cultura.

Vale também citar a influência romana que contribuiu para uma certa romanização ou latinização da Ibéria, visto que essa região era o limite ocidental do Império Romano. O resultado disso, foi uma cultura variada de mestiços. Cultura ora em harmonia, ora em conflito<sup>6</sup>.

Foram estes mestiços, esses loiros transitórios, que formaram a maioria dos portugueses que colonizaram o Brasil nos séculos XVI e XVII. Não foi com certeza nenhuma elite loura ou nórdica, branca pura, nem gente preta de cabelo escuro. Gente mista, que trazia em sua antropologia e na sua cultura uma forte influência dos povos que por lá passaram, principalmente da cultura moura<sup>7</sup>.

Embora esse texto não tenha a pretensão de ser um estudo exaustivo da realidade sócio-religiosa de Portugal é necessário ao menos olhar e reconhecer, por exemplo, a importância dos mouros<sup>8</sup> em terras portuguesas. Os mouros tiveram um papel de extrema influência na antropologia e na cultura portuguesa de uma maneira bem específica. Eram um povo culturalmente e antropologicamente diferente daquele encontrado na Europa.

Segundo Gilberto Freyre, a influência do povo africano mouro se dá por meio de uma série de efeitos, ora por meio de invasões, ora por meio da ação e do trabalho dos escravos sobre os senhores.

A zona Ocidental da Península Ibérica, correspondente ao futuro território de Portugal, foi conquistado pelos árabes entre os anos de 711 - com a vitória do berbere Tarique ibn Ziyad, na batalha de Guadalete ou Guadibeca - e 713. Os invasores chamaram o novo espaço de al-Garb al-Andalus. O pequeno reino cristão das Astúrias - formado por Asturos, Cântabros e Hispano-Godos - conseguiu, em 714, expulsar definitivamente os muçulmanos para o sul do Douro. De fato, foi no sul

---

<sup>6</sup> FREYRE, 1992, p. 268. Portugal é por excelência o pai do louro transitório ou do meio loiro. Nas regiões mais penetradas de sangue nórdico, muita criança nasce loura e cor-de-rosa, para tornar-se mais tarde morena e de cabelo escuro. Ou então - o que é mais característico - revela-se uma dualidade, o equilíbrio de antagonismo: homens de barba loura e de cabelo escuro. Homens morenos de cabelo louro.

<sup>7</sup> FREYRE, 1992, p. 268.

<sup>8</sup> Os mouros eram os descendentes dos antigos muçulmanos que permaneceram na Espanha e em Portugal. Após a Reconquista, diante das alternativas de conversão ao catolicismo ou a emigração, optaram pela conversão, embora conservassem a língua, os costumes e, secretamente, a religião.

de Portugal que o Islã deixou marcas profundas, comparáveis à contribuição da presença romana na estrutura do que, mais tarde, seria a civilização portuguesa.<sup>9</sup>

Os mouros que estavam em meio aos portugueses, eram em sua maioria árabes muçulmanos. Quando os povos árabes invadiam outros povos sempre levavam consigo a sua religião, pois esta faz parte de sua antropologia e cultura. Essas raízes árabes foram trazidas para dentro da região Ibérica. Ali se espalharam de uma maneira sutil, mas profunda, gerando mudanças na cultura, religião, costumes e outros.

Um fato que contribuiu para esta influência é a escravidão a que foram submetidos os mouros e até os moçárabes. Esta escravidão foi o meio pelo qual se exerceu sobre o português uma decisiva influência não só particular do mouro, mas também do islâmico, do africano, enfim do escravo<sup>10</sup>.

A influência moura está presente até hoje no povo português, na sua cultura e no seu caráter<sup>11</sup>. As práticas de colonização agrária, escravocrata, polígama e patriarcal vão estar bem presentes na colonização do Brasil. Sem esta experiência moura, provavelmente o formidável processo de colonização da América tropical teria sido frustrante<sup>12</sup>.

É este sangue e cultura mista que vem para o Brasil; havendo assim uma grande mistura de raças. O brasileiro não é europeu, nem indígena, muito menos o resultado do contato direto com os escravos africanos. Isso explica o muito de mouro que persistiu na vida íntima do brasileiro através dos tempos, e que ainda hoje é encontrado nas mais diversas áreas de nosso dia-a-dia, na cultura, nas práticas religiosas e outros<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup> FREYRE, 1992, p. 269

<sup>10</sup> Ver em Fragmento de: *História concisa de Portugal*. Texto 1, em Anexo

<sup>11</sup> O que a cultura peninsular, no largo trecho em que exerceu o domínio árabe ou mouro - ou onde se verificou a escravidão de cativos africanos, uma vez revezados os papéis de senhor e de escravo - guardou da cultura dos invasores é o que hoje mais diferencia e individualiza esta parte da Europa. Conservados em grande parte pelos vencidos a religião e o direito civil, nas demais esferas da vida econômica e social a influência, árabe em certos trechos, noutros moura, foi profunda e intensa

<sup>12</sup> FREYRE, 1992, p. 272.

<sup>13</sup> Ver em Trecho do livro *Mouros, franceses e judeus*. Texto 2 em Anexo.



### 1.1.2 A Religião.

Como citado anteriormente, Portugal era um lugar de trânsito contínuo de diferentes culturas, que influenciaram diversas áreas da vida do português. Isso também ocorre com relação a sua religiosidade. Sua maneira de viver e expressar a fé. Para começar a entender como era o catolicismo que aqui foi implantado é preciso entender o que estas influências causaram no catolicismo português, em suas raízes.

Com certeza, a religião de Maomé vai influenciar o cristianismo português de uma maneira muito profunda. Esta influência vai gerar em Portugal um cristianismo humano e lírico (romântico). Elemento este, que estará presente no culto aos Santos, ao Menino Jesus e à Virgem Maria. Reportando sempre no cristianismo português, uma certa presença de fantasia, sonho, um devaneio romântico, muitas vezes, até sensual. Este amor ou o desejo humano conservou no cristianismo encontrado na Europa um certo gosto de carne.

Cristianismo em que o menino Deus se identificou com o próprio Cupido e a Virgem Maria e os Santos com os interesses de procriação, de geração e de amor mais do que com os de castidade e de ascetismo. Este ponto o cristianismo português pode-se dizer que excedeu ao próprio maometanismo. Os azulejos, de desenhos assexuais entre os maometanos, animaram-se de formas quase afrodisíacas nos claustros dos conventos e nos rodapés das sacristias. De figuras nuas. De menininhos-Deus em que as freiras adoraram muitas vezes o deus pagão do amor de preferência ao Nazareno triste e cheio de feridas que morreu na Cruz.<sup>14</sup>

A influência do islamismo parece que, favorecida pelo clima doce e afrodisíaco de Portugal, gerou um cristianismo de grande intimidade entre o devoto e o santo. Uma mistura entre o sacro e o profano. Gilberto Freyre faz uma análise interessante:

É Nossa Senhora do Ó adorada na imagem de uma mulher prenhe. É São Gonçalo do Amarante só faltando tornar-se gente para emprenhar as mulheres estéreis que o aperreiam com promessas e fricções. É São João

---

<sup>14</sup> FREYRE, 1992, p. 272.

Batista festejado no seu dia como se fosse um rapaz bonito e namorado, solto entre as moças casaduras [...]<sup>15</sup>

O santo passou a ser tratado como alguém da família, davam-lhe atributos humanos de rei, rainha, de pai e mãe, de filho e namorado. Cada santo estava ligado com as diferentes fases da vida doméstica e íntima da família, do lugarejo, da vila, etc...

Havia também na cultura religiosa portuguesa: os santos “regionais”. Ou seja, cada lugarejo tinha o seu santo específico, que muitas vezes, estava identificado com a história do lugar, para este santo eram realizadas festas, procissões, promessas. Esse santo era o seu “padroeiro”, o que lhe protegia, e garantia tranquilidade de vida.

Muitos dos elementos encontrados no catolicismo português, estão presentes até hoje no catolicismo brasileiro. A maneira pela qual os santos são vistos, as práticas religiosas, a maneira popular de viver a sua espiritualidade, são prova disso. Essa devoção quase cega, onde o santo é tratado como alguém que faz parte da história da família, e outros elementos como promessas e procissões fazem parte do cotidiano religioso do brasileiro.

Nenhum resultado mais interessante dos muitos séculos do contato do cristianismo com a religião do profeta – contato que tantas vezes se aguçou em asperezas de rivalidade – que o caráter militar tomado por alguns santos nos cristianismo português e mais tarde no Brasil. Santos milagrosos como Santo Antônio, São Jorge e São Sebastião foram entre os devotos sagrados capitães ou chefes militares como qualquer poderoso senhor de engenho, nas procissões carregavam-se outrora os andadores dos santos como a grandes chefes que tivessem triunfado em lutas ou guerras.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> FREYRE, 1992, p. 288.

<sup>16</sup> FREYRE, 1992, p. 288.

## 1.2 OS ESPANHÓIS

Assim como Portugal, a Espanha<sup>17</sup> também teve a influência de outros povos na sua antropologia e na sua cultura. Essa influência se deve por constantes invasões, brigas por território, também pela sua localização geográfica que formava um certo tipo de corredor que servia de ligação entre a África e o restante da Europa<sup>18</sup>. Cada povo que por ali passou deixou um pouco de si, de seus costumes e da sua história.

A Ibéria, como a região da Espanha era conhecida na Antiguidade, foi ocupada por fenícios, gregos e cartagineses, até ser conquistada e incorporada ao Império Romano em 45 a.C. Roma estabelece a unidade política e o cristianismo na península. No início do século V, na época das invasões bárbaras, a Espanha é tomada pelos vândalos germânicos, posteriormente expulsos pelos visigodos. Em 711, Roderico, o último rei visigodo, é derrotado pelos mouros (árabes muçulmanos), que se apossam de quase toda a península. Nos séculos X e XI, surgem pequenos reinos cristãos no território espanhol que escapou à dominação muçulmana, como Navarra, Leão, Castela e Aragão. A reconquista cristã dura cinco séculos e termina em 1492, quando Fernando de Aragão e Isabel de Castela – que haviam unificado seus reinos pelo casamento – capturam Granada, última cidadela dos mouros. No reinado de Fernando e Isabel, chamados de “reis católicos” pela sua aliança com a Igreja, os judeus são expulsos da Espanha ou forçados a se converter ao catolicismo.<sup>19</sup>

Estas diferentes culturas que por ali estavam se infiltraram de maneira quase que despercebida na cultura e antropologia espanhola. Foram por estes assimilados fazendo hoje parte de suas raízes. O povo espanhol é uma mistura dos povos indígenas da península com os que foram conquistando sucessivamente o seu território: os romanos, um povo mediterrâneo; os suevos, os vândalos e os visigodos, povos germânicos; e elementos semíticos, em especial de origem árabe e judaica.

---

<sup>17</sup> Mapa 2 em Anexo.

<sup>18</sup> Mapa 3 em Anexo.

<sup>19</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rodrigo>. Acesso em 15/12/2011

A fé católica na Espanha foi, e ainda é, algo muito forte e marcante.<sup>20</sup> Isso se deve a traços de sua própria antropologia e cultura. Outro fator que contribuiu para isso, foi o catolicismo fervoroso vivido pelos reis espanhóis, que protegeu a península do emergente protestantismo na Europa durante os séculos XV e XVI.

### 1.2.1 Algumas características da Alma Espanhola

A principal característica da alma espanhola é a sua individualidade, simples e primitiva. O espanhol é um homem “enamorado primero y ante todo de la vida”<sup>21</sup>, é um humanista, que afirma com todas as letras “soy de carne soy de carne, no pintado”<sup>22</sup>. Estas palavras expressam um sentimento intenso, forte e presente até hoje na antropologia e cultura espanhola. O espanhol é um homem de carne e de terra, de “sangue quente” nas veias.

Esse orgulho e esse sentido de igualdade são algo inato no espanhol, característica própria “cada uno de nosotros vale tanto como Vos, y todos juntos valemos mas que Vos”<sup>23</sup>. Esta frase expressa que no fundo da alma todo o espanhol se sente um rei, um homem aparte, um ser divinamente escolhido para uma missão.

Como antes mencionado, encontra-se na Espanha um povo “caliente”, de fortes emoções, com homens orgulhosos e sanguíneos, onde a honra tem um valor inestimado “Muera yo, pero salvese mi honor”<sup>24</sup>. A vida é regada de sentimentos, são estes que determinam muitas vezes o curso da vida e as decisões que devem ser tomadas. A expressão “es ou no es”, é algo forte e presente em meio ao povo. Um

---

<sup>20</sup> É verdade que a Espanha, assim como a Europa, atualmente está passando por um período que alguns Missiólogos chamam de pós-cristã. Porém, o fato é que traços religiosos de uma cultura não se desfazem facilmente.

<sup>21</sup> MACKAY, Juan A., *El otro Cristo Español*. México: Casa Unida de Publicaciones, 2. ed.1952, p.20. Mackay, de origem escocesa, era conhecido como “o escocês de alma espanhola”. Foi missionário no Peru na primeira metade do século XX. Ao chegar em terras latinas percebeu uma grande diferença entre o catolicismo vivenciado pelos latinos e o catolicismo presente no Norte da Europa e nos Estados Unidos. Tornou-se um estudioso da cultura espanhola e Latina. Posteriormente veio a ser reitor do Seminário Teológico de Princeton, nos Estados Unidos.

<sup>22</sup> MACKAY, 1952, p. 20.

<sup>23</sup> MACKAY, 1952, p. 21.

<sup>24</sup> MACKAY, 1952, p. 22. Lema espanhol.

povo que vive entre extremos, tudo está em plena luz do sol ou noite sem estrelas, ou quente ou frio.

Segundo pesquisas de Mackay, o espanhol não busca acumular posses, propriedades de maneira avarenta, mas para usufruir sem preocupar-se. Não se ambiciona como instrumento de trabalho, mas sim como um meio de emancipar-se da necessidade de trabalho, como um instrumento para obter liberdade. Uma liberdade nobre é não se preocupar com trabalho. Para um nobre homem espanhol, trabalhar era uma vergonha, mendigar não. Crime era nascer pobre.

Outro traço da personalidade que chama atenção é a tendência de jamais reconhecer um erro, quando se assume uma posição é quase impossível que se mude de opinião. A honra e o respeito próprio parecem exigir que, uma vez adotada uma posição se insista nela mesmo quando se esteja quase convencido de estar errado. “Procure siempre acertarla el honrado y principal, pero si la acierta mal, defenderla y no enmendarla”<sup>25</sup>.

Este homem espanhol pode demonstra-se o ser mais sociável da terra, e em questão de segundos converter a sua calorosa espontaneidade em uma frieza comum. Isto faz parte de sua personalidade individualista. Este individualismo nato somente é rompido por uma grande paixão: o Estado ou a Igreja.

No período da colonização fica evidente que a paixão dos espanhóis pela Igreja é uma relação de amor possessiva, não é ele que pertence a Igreja, mas sim a Igreja lhe pertence. A maneira “caliente” de viver a vida também foi transferida para a vida religiosa: o espanhol é um devoto fervoroso. A Igreja é tratada como um patrimônio seu. Pode-se observar que em muitos casos a Igreja foi absorvida, e seus destinos se converteram nos da nação espanhola. A honra de seus seguidores exigia conformidade com seus ritos, seus dogmas, e a propagação destes por todo o mundo<sup>26</sup>.

O espanhol de sangue quente que por aqui chegou, trouxe em sua bagagem traços de sua cultura e antropologia, que no Brasil influenciaram e mudaram muitos

---

<sup>25</sup> MACKAY, 1952, p. 27.

<sup>26</sup> Historicamente a península Ibérica, especialmente na Espanha, que a Inquisição ocorreu de forma mais implacável. Cf. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Inquisi%C3%A7%C3%A3o\\_espanhola](http://pt.wikipedia.org/wiki/Inquisi%C3%A7%C3%A3o_espanhola). Acesso em 14/01/2012

costumes. Criaram novos traços, uma nova maneira de viver a vida nos mais diferentes aspectos: culturais, antropológicos e religiosos. Esses traços percorreram toda a história e estão presentes até o dia de hoje em nosso meio.

As culturas, espanhola e portuguesa, influenciaram a América de uma maneira muito forte. Não obstante, quando se olha para a América percebe-se diferentes traços. Há uma certa distinção entre a América colonizada pelos portugueses da América colonizada pelos espanhóis. Isso se pode perceber nas cidades construídas por ambos, onde se encontra traços das duas culturas de uma maneira bem distinta.<sup>27</sup> Basta observar a estruturação das cidades, das casas, os costumes de cada região, a religiosidade encontrada em meio ao povo e veremos traços de nossos colonizadores misturados a nossa cultura. Traços estes que resistiram a influência indígena e negra.

### 1.3 A CATEQUIZAÇÃO DOS ÍNDIOS E DOS NEGROS

O descobrimento do Brasil enquadra-se no grande programa marítimo e comercial inaugurado pela viagem de Vasco da Gama<sup>28</sup>. Os portugueses chegaram e trouxeram a história dentro de sua bagagem. Aqui aplicaram os mesmos métodos aplicados no próprio Portugal, no território reconquistado dos mouros. Métodos estes, de auto-colonização aristocrática e agrária.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 26ª edição, 1995, pp. 95-138. Sérgio Buarque de Holanda, inspirado no pensamento de Max Weber, em seu livro 'Raízes do Brasil', analisa o Brasil como uma teia de significativos e não apenas como um ajuntamento de costumes, focalizando e contrastando pares como 'trabalho e aventura', iberianismo e americanismo, método e capricho natural, rural e urbano, burocracia e caudilhismo, normal impessoal e impulso afetivo, público e privado. Ele está o tempo todo tentando mostrar que temos raízes ibéricas. Distingue a América criada pelos portugueses da América criada pelos espanhóis, reconhecendo e criticando a formação patrimonialista brasileira. Diz que a presença espanhola se marca por uma vontade férrea e abstrata de criar cidades com planos traçados de antemão a cidade é geométrica, com praças maiores e ruas paralelas. Em oposição a esse espírito estão os portugueses. A cidade portuguesa é desorganizada, é cidade que sobe e desce em ziguezague, embora os portugueses preferissem ficar no alto dos morros, em seus fortes. Não tinham preocupação com a ordem geométrica, nem muito com a disciplina, o espírito improvisador do português era muito forte para se conformar a planos.

<sup>28</sup> Mapa 4 em Anexo.

<sup>29</sup> FREYRE, 1992, p. 255ss. A descoberta do Brasil coincidiu com a reconquista da península Ibérica, após sete séculos de domínio mouro. Assim, as histórias das recentes batalhas contra os islâmicos — também chamados de mouros e de sarracenos — foram trazidas pelos colonizadores e reproduzidas

Antes de aplicar os seus métodos de colonização na América, os europeus foram colocados frente a frente com populações que viviam sob outros costumes e exibiam traços físicos peculiares, bem diferentes dos seus. Longos debates foram traçados para determinar se os nativos eram ou não humanos e partindo de critérios religiosos analisou se possuíam alma ou não. Os portugueses atribuíram uma certa ingenuidade aos índios, a qual aparece na carta de Pedro Vaz de Caminha:

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir suas vergonhas do que mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Parece-me gente de tal inocência que se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo aparências.<sup>30</sup>

Por vezes eram retratados por cronistas, como ingênuos, afáveis, corajosos, infantis, bonitos, virtuosos e inocentes, vivendo uma existência pacífica e ordeira. E por vezes, apareciam como bárbaros, estúpidos, selvagens, feios, atrasados, preguiçosos, comedores de gente e de carne crua, falavam uma língua ininteligível e viviam na orgia e devassidão.

Com os portugueses veio também a religião, que aqui chegou e foi imposta como única. Em consequência disso, os povos indígenas que aqui se encontravam foram impregnados por uma nova religião. A visão religiosa animista indígena acredita que a natureza era habitada por espíritos bons e maus.

Os índios brasileiros eram animistas ao cultuar o sol, a lua, as estrelas, os animais, as plantas e tudo que lhes circundava o cotidiano. O animismo é sensível aos augúrios e presságios oriundos da natureza, como o uivo de uma onça, presença de uma cobra ou de certas aves. Esta crença religiosa atribui almas aos animais que, como os homens, voltam à Terra para resgatar *carmas*. Sobre o animismo existem teorias etnográficas, sociológicas e psicológicas, mas todas

---

em forma de cantos e histórias que, com o passar do tempo, transformaram-se em lendas. Reflexos desta tradição estão presentes, em vários pontos do Brasil, nas “cavalhadas” ou “corridas de argolinhas”, torneios de habilidade entre cavaleiros vestidos de azul, representando os cristãos, e de vermelho, no papel de mouros. Estas manifestações são comuns principalmente no Nordeste e nos estados de Goiás e de Minas Gerais.

<sup>30</sup> DAMATTA, Roberto. *O que faz do Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 11ª edição, 2000, p. 46ss.

acabam ligando as manifestações animistas a um estágio cultural primitivo dos povos.<sup>31</sup>

Quando portugueses e espanhóis chegaram aqui com suas caravelas encontraram um povo que, segundo eles, precisava ser civilizado e catequizado por meio da doutrina e da espada. Como figura de destaque desta época, temos Bartolomeu de las Casas, e outros monges que se revoltaram com a opressão sofrida pelos ameríndios.

As Missões jesuíticas<sup>32</sup> eram as responsáveis por difundir a fé católica por meio da pregação e do ensino, estas missões jesuíticas eram constituídas pela Companhia de Jesus que se estabeleceu como um sistema de redução indígena numa extensa área entre o Paraguai, a Argentina e o Brasil a partir de uma primeira experiência realizada em Julin (Peru) em 1576.

A população indígena seminômade mudou completamente o modo de vida. Passou a viver sob a direção dos religiosos, em povoados, dispostos em torno de uma praça, onde eram realizados todos os acontecimentos públicos. Os povoados possuíam igreja, colégio, oficinas artesanais, hospitais e cemitérios. Eram cercados por terras dedicadas à agricultura, principalmente da erva-mate, que era um dos elementos principais do comércio, livre de impostos, com a sociedade colonial. O guarani foi à língua empregada para o ensino e prática religiosa.

Esses jesuítas não defendiam a liberdade plena dos indígenas, mas a liberdade restrita que lhes davam nas suas missões, onde eram catequizados para o cristianismo e realizavam trabalhos para o sustento da comunidade.

O que resultou do alto plano jesuítico que regeu e ordenou a colonização e catequização dos índios foi um somatório de violência mortal, de intolerância, prepotência e ganância. Todas as qualidades mais vis se conjugaram para compor o

---

<sup>31</sup> RIBEIRO, Darcy, *O povo Brasileiro – formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.50.

<sup>32</sup> Jesuítas, ordem religiosa da Igreja Católica, fundada por santo Ignácio de Loyola em 1534 e aprovada pelo papa Paulo III em 1540. Seu objetivo é o de difundir a fé católica por meio da pregação e do ensino. Desde o início, a educação foi sua principal atividade. Seus membros fazem votos de pobreza, castidade e obediência e os professos acrescentam mais dois: aceitar ir ao lugar escolhido pelo Papa e renunciar a qualquer ofício eclesiástico que não seja em sua ordem, a menos que o determine a autoridade da Companhia. A direção da ordem está nas mãos de um superior geral, que reside em Roma. Este cargo é vitalício, eleito pela congregação geral da ordem.



processo civilizador do Brasil: ferro e fogo são a moldura deste quadro<sup>33</sup>. As missões acabaram em 1767 com a expulsão dos jesuítas dos territórios espanhóis, ordenada por Carlos III.

A utilização dos índios para serviços “pesados” não deu muito certo. O índio estava acostumado a caçar, pescar, transportar madeira e guerrear contra outros índios. Quando utilizados para tarefas agrícolas, e outras, os índios não suportavam a mudança de vida e morriam.

#### 1.4 OS NEGROS

A busca de mão-obra, a exploração da costa da África, e o descobrimento da América pelos portugueses e espanhóis, no século XV, e sua colonização nos três séculos seguintes, incrementaram consideravelmente o comércio moderno de escravos.

A escravidão desenvolveu-se em solo brasileiro em função da estrutura econômica e social do regime colonialista. A princípio, como já abordado, os índios foram a mão-de-obra escrava mais usada. Com o passar do tempo os portugueses perceberam que a mão-de-obra indígena não era eficaz. Era necessário buscar uma mão-de-obra que fosse eficiente e aguentasse o trabalho pesado, coisas que os índios não suportavam

Por volta do ano de 1550 começaram a chegar ao Brasil os primeiros escravos vindos da África. Eram trazidos pelos chamados navios negreiros e vendidos pelos comerciantes de escravos. Em todo o período colonial, o tráfico negreiro foi a atividade importadora mais lucrativa do comércio exterior brasileiro. Calcula-se que cerca de 3 milhões de escravos africanos foram absorvidos pelo cultivo do açúcar, do fumo e do algodão, pela economia mineradora e pelo serviço doméstico.<sup>34</sup>

Como justificativa para a escravidão, nada melhor do que acreditar que os negros pudessem ser mantidos em cativeiros, para a tranqüilidade das consciências

---

<sup>33</sup> RIBEIRO, 1995, p. 51.

<sup>34</sup> MOURA, Clóvis. *Os Quilombos e a religião negra*. São Paulo: Brasiliense, 1981

cristãos. Os negros eram comparados aos “macacos de um jardim zoológico”, seres embrutecidos, estúpidos, bestiais, povo amoral, sem alma e objeto sem valor.<sup>35</sup>

A escravidão representava uma instituição natural, uma obra de Deus, útil e necessária, tanto para os escravos quanto para os senhores. O senhor escravagista não se sentia ameaçado ou culpado por estar submetendo outro homem ao trabalho escravo. Mas, pelo contrário, ele via o negro como seu complemento natural. Enquanto este se dedicava ao trabalho duro, complementava as atividades de seu senhor, dando a esse, possibilidade de se dedicar às suas atividades que são as do espírito. Quanto à escravidão, diz-se que ela foi o eixo articulador da vida colonial, prolongando-se como a grande característica da sociedade brasileira do século XIX, impregnando com sua presença a organização econômica, os padrões materiais e morais.<sup>36</sup>

A formação brasileira caracterizou-se, portanto, pela grande exploração agrícola, baseada no trabalho escravo, em mãos dos grandes proprietários que detinham todo o poder econômico e político.<sup>37</sup> Proprietários e escravos eram, na prática, as únicas classes.<sup>38</sup>

Esses negros que aqui chegaram trouxeram consigo da África as suas raízes, seus costumes, sua religião que era tribal e com fortes influências muçulmanas. Esta religiosidade era completamente diferente do catolicismo ibérico, e da religião dos índios. Ao chegarem no Brasil estes negros foram proibidos por seus senhores de praticar os seus costumes religiosos. Alguns se converteram ao catolicismo de maneira espontânea e sincera. Mas o fator que prevaleceu foi o de substituição, onde as entidades religiosas africanas passaram a receber nome de santos católicos, havendo somente uma substituição de nomes e valores. Este método de

---

<sup>35</sup> FREYRE, 1992, p. 304ss. O escravo vivia nas senzalas, quase sempre com excesso de trabalho e em condições precárias de higiene e salubridade, o que reduzia a expectativa de vida útil a cerca de 7 anos nas áreas do açúcar e do ouro. A mentalidade escravocrata era muito difundida na colônia e no império, provocando a desvalorização do trabalho manual e a presença do escravo em quase todas as atividades, como a extração de diamantes, a lavoura do tabaco, o artesanato, o trabalho doméstico.

<sup>36</sup> Cf. PRADO, J. Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo. Colônia*. São Paulo: Brasiliense. 10ª ed. 1992. p.269ss

<sup>37</sup>Ver mais em Fragmento de *Os quilombos e a rebelião negra*. Texto 3 em Anexo

<sup>38</sup>Ver mais em Fragmento do artigo "*Servidão humana*". Texto 4 em Anexo.

assimilação deu início ao grande processo sincretista religioso presente até hoje no Brasil.

#### 1.4 O SINCRETISMO RELIGIOSO

Os portugueses realizaram a expansão ultramarina sob a cruz de Cristo. Em seus barcos seguiram muitos *eclesiásticos*. Com Cabral, chegaram ao Brasil os primeiros franciscanos. Os navegantes, ao integrarem a terra à Coroa portuguesa, entregaram-na, também, ao Cristianismo. Cristianismo este que havia sido influenciado pelo fanatismo muçulmano no período de dominação moura na península ibérica.

A cristianização do país foi fruto do trabalho missionário, principalmente jesuítico que acompanhou o ritmo de colonização: conquista e ocupação do litoral (do Rio Grande do Norte a S. Vicente), ocupação do interior (rio de São Francisco), região do Maranhão (ao longo dos rios), acompanhando a expansão mineira (leiga, pelas irmandades, confrarias, ermitãos). A Companhia de Jesus foi há única a vencer as dificuldades locais, criando as instituições dos aldeamentos e dos colégios. A evangelização teve um caráter doutrinário, universalista e de vivência, isto é, do modo de conhecer a vida e de encarar o próximo.<sup>39</sup>

A intensa miscigenação ocorrida entre negros, brancos e indígenas, e o peso demográfico dos primeiros fizeram com que fosse muito grande a influência étnica das culturas de origem africana no Brasil. Essa se refletiu na língua, na música, na culinária, na religião e nos costumes.

Os escravos que aqui chegaram trouxeram consigo vários ritos, praticados por cerca de 280 etnias diferentes de escravos a quem o colonizador português chamava, genericamente, de "guiné". O sincretismo das religiões destas etnias com o cristianismo e as religiões animistas nativas originaram as religiões e os ritos afro-brasileiros. Entre elas, a umbanda, o candomblé, o vodu e a quimbanda.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> ALVES, Ângela Reiner. *A formação do catolicismo popular brasileiro*. TCC em licenciatura em História. Universidade Estadual do Vale do Acaraú – Campus João Pessoa, PB, 2009, p. 22.

<sup>40</sup> Ver mais em Trecho do livro *Candomblés da Bahia*. Texto 5 em Anexo.

O negro acabou se apegando às crenças religiosas e às práticas mágicas no esforço de encontrar um consolo, diante de seu triste destino, misturando a religião católica e a que trouxeram de sua terra natal. Muitas coisas de sua cultura e religião continuaram do mesmo jeito, o negro escravo, inculturado numa comunidade permaneceu ele mesmo, na sua identidade original permaneceram traços que estarão presentes até a morte.

Os índios nativos e os negros originários da África perderam muitas de suas características, em muito sua identidade foi modificada. Esta modificação atinge todo o âmbito de sua vida, seja cultural, antropológica e religiosa. Agora o índio e negro são uma mistura, uma grande mistura de etnias, culturas e religiões. Como resultado desse hibridismo de religiões, catolicismo português e espanhol, religiões dos negros e dos índios, tem-se a base da religiosidade popular brasileira com os traços que definem a espiritualidade e religiosidade.

Para Gilberto Freyre, o Brasil é um bom modelo de miscigenação, e apesar dos problemas que aconteceram no decorrer de sua formação, o resultado é satisfatório; pelo menos se comparado a outros países como os EUA. [...] Sem juízo de valor da teoria freyreana, o que nos interessa é [...] que as culturas indígenas, portuguesas e afro são os componentes básicos do que vem a ser o Brasil. E elas são, até o século XIX, os únicos componentes culturais deste país, pois o protestantismo até agora não conseguiu se instalar.<sup>41</sup>

Ou seja, no final da história, os índios assimilam os nomes de santos católicos. Mas os seus deuses continuam os mesmos, há somente uma substituição e uma mistura de entidades. Isso novamente acontece com os negros trazidos da África, com uma expressão religiosa totalmente diferente. Todos estes fatos históricos, contribuíram muito para o grande sincretismo religioso existente no Brasil de hoje.

---

<sup>41</sup> ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2007, pp. 28,29.

## 1.5. AS RAÍZES DA IDENTIDADE RELIGIOSA POPULAR

Na elaboração de uma religiosidade popular buscamos como referência os países colonizadores. Vale destacar o fato de que a descoberta do Brasil não se refere apenas a um momento teórico, mas também a um momento histórico-religioso. Tem sua origem nas práticas sociais que caracterizam a modernidade, partindo das descobertas que a Europa fez na virada para o século XVI.

A fé propagada pelos Ibéricos era o catolicismo medieval, catolicismo este que foi aplicado na colônia brasileira. É possível dizer que a Reforma Protestante estacionou nos Pirineus. Como consequência disso a Igreja estabelecida na América Latina era, em grande medida, intolerante e fanática. Ou seja, aqui foi implantado um catolicismo medieval, que foi contestado pelos Reformadores na Europa. As autoridades coloniais proibiam a circulação de literatura protestante nas colônias. A Igreja não estava interessada na distribuição de literatura entre a população.

Outro problema é que não se encontra no Brasil, nos três primeiros séculos, nem imprensa nem universidades, o que significa dizer que não havia livros, ou os poucos que existiam estavam muito bem guardados com as famílias nobres. Como consequência disso, vive-se um cristianismo sem livros, que em pouco tempo se tornou uma religião sem fundamentos.

A Vulgata, ou a sua tradução, era a única Bíblia autorizada pela Igreja. Em alguns casos, a leitura da Bíblia era permitida sob a supervisão do padre.<sup>42</sup> É preciso que se compreenda que o catolicismo aqui implantado pela colonização Ibérica, não foi propriamente o catolicismo dos padres missionários, mas das aldeias portuguesas e espanholas, com os mais variados tipos de pessoas<sup>43</sup>, e todo o sincretismo religioso que os acompanhava. Juntamos a esse povo o catolicismo espanhol e sua paixão fervorosa pela Igreja, que era algo possessivo. Em meio a isso temos os santos, padroeiros familiares festejados em datas especiais, seu culto, romarias e

---

<sup>42</sup> NÚÑEZ, *Espiritualidade e Oração no Catolicismo e Evangelicalismo da América Latina*, p. 55.

<sup>43</sup> Os brancos que para cá vieram eram, com raras exceções pessoas de baixo padrão moral. Bom número era degredados, desterrados e desertores. Outros eram náufragos e colonos, ávidos de enriquecimento rápido. Os jesuítas diziam que eles se portavam segundo a “lei natural”.

outros. Tudo isso adaptado às variações ambientais e sociais encontrados na nova terra.<sup>44</sup>

Por isso, falar em catolicismo no Brasil exige um esforço de compreensão do desenvolvimento do processo popular desse catolicismo. Então, “catolicismo popular”, no caso brasileiro, significa restringir sob essa rubrica uma ampla e diversificada gama de formas concretas de catolicismo que, constituídas durante o Brasil colônia, atravessam o período Imperial e a República Velha, chegando aos dias atuais.

A presença da Igreja Católica Romana foi, e continua sendo, muito importante ao longo desses quase cinco séculos. Ela foi uma testemunha da história. Acompanhando os conquistadores, foi cúmplice, com nobres exceções, da administração do poder. Obviamente houve os que pretenderam corrigir sua atitude. Esses se transformaram em santos do povo latino-americano: Bartolomeu de Las Casas, Antônio de Valdivieso, Toribio de Mogrovejo, Diego de Medellín e outros. Estes que procuraram e conseguiram ser testemunhas do Evangelho de Jesus Cristo nessa história. Mas infelizmente o quadro que predominou no decorrer da história foi de uma postura distorcida de cristandade, onde prevaleceu à aliança com o poder estabelecido.<sup>45</sup>

Em meio a todos estes fatos, ainda são muitos os que continuam pensando e esperando que a instituição eclesiástica se coloque sempre ao lado dos poderosos. Para esses, as referências sociais da Igreja são “os de cima”. Por outro lado, nas novas formas de ser Igreja na América Latina a partir, por exemplo dos teóricos da Teologia da Libertação, a prioridade é dada aos pobres e oprimidos, surge, desse modo, uma “religiosidade e espiritualidade popular”, a Igreja que se preocupa com as massas populares, a Igreja do povo<sup>46</sup>.

Como se percebe, essa religiosidade popular está carregada de elementos, costumes e práticas que atravessaram os séculos, herança dos colonizadores, e dos povos que por aqui estiveram, tais como índios, ibéricos, e africanos. A religiosidade

---

<sup>44</sup> NEGRÃO, Lísias. *A religiosidade do povo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 13.

<sup>45</sup> MARASCHIN, Jaci. *Espiritualidade e Religião na América Latina*. São Paulo: Estudos de Religião 4, 1986, p. 15ss.

<sup>46</sup> MARASCHIN, 1986, p. 17.

popular é uma encarnação diversa daquela oficial romana. Dentro de um universo simbólico e de uma linguagem e gramática diferente, exatamente aquelas peculiares aos populares, esse constitui um sistema diferente de tradução do cristianismo dentro de condições concretas da vida humana.

Rubem César Fernandes<sup>47</sup> argumenta, ainda, que as instituições oficiais no período da colonização tinham pouca penetração na sociedade que se formava no País. A Igreja Católica Romana, assim como o Estado, era um corpo centralizado na metrópole que perdia densidade à medida que se espalhava pelos territórios coloniais. Esta fragilidade institucional caracteriza o catolicismo latino-americano até os nossos dias, avalia Paul Freston.<sup>48</sup>

Cerca de 80% das paróquias existentes no Brasil foram organizadas no século XX, sendo 50% a partir da década de 50. As paróquias cobrem imensos territórios e assistem uma grande população. Enquanto na França uma paróquia tem uma área territorial média de 15 km<sup>2</sup> e cerca de 1.283 fiéis, na América do Sul estes números saltam para mil km<sup>2</sup> e 14.036 pessoas.

Difundiu-se aqui, em consequência, a figura da "Desobriga". O sacerdote percorria as vastas terras sob sua responsabilidade, "desobrigando" os fiéis de seus compromissos canônicos: batizava, casava, pregava, regularizava as situações e partia para a aldeia seguinte. Os fiéis ficavam e o padre passava. Configurou-se, assim, um tipo de catolicismo que se caracteriza, como se diz, por "pouco padre, pouca missa e muita festa".<sup>49</sup>

Pouco padre e pouca missa implicam pouco controle doutrinal. A maioria dos católicos brasileiros toma amplas liberdades diante dos ensinamentos oficiais da Igreja. A própria noção de uma ortodoxia é quase ausente. Não há, na cultura religiosa brasileira, um pressuposto de que as pessoas, para guardar coerência, devam acreditar numa única versão dos fatos sagrados.

---

<sup>47</sup> FERNANDES, Rubens César. *Religião Pouco Padre, Pouca Missa e Muita Festa*. [www.itamaraty.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/religiao/apresent/apresent.htm](http://www.itamaraty.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/religiao/apresent/apresent.htm). Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

<sup>48</sup> FRESTON, Paul. *Pentecostalism in Latin America*. In *Social Compass*. Louvain: Groupe de Sciences Sociales des Religions, vol.45, nº 3, 1998.

<sup>49</sup> FERNANDES, acesso em 22 de fevereiro de 2011.

Na prática, os católicos brasileiros orientaram a sua devoção pelo ritmo do calendário litúrgico. Com ou sem padre, todo dia é dia de santo, ensejando festejos próprios a cada devoção particular. Oratórios domésticos, capelas de beira de estrada, procissões, romarias, promessas, a reza do Terço, irmandades, podiam ser animados sob lideranças leigas, capitaneadas pelos festeiros do lugar.<sup>50</sup>

O culto aos santos foi, portanto, supervalorizado, enquanto a Eucaristia era relegada a um segundo plano. A "proteção" dada pelos santos padroeiros diante das incertezas da vida tornou-se um núcleo estruturante das crenças e das práticas mais difundidas. Nesta forma de catolicismo as missas são importantes, sem dúvida, mas configuram uma situação especial, fora do comum. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,<sup>51</sup> apenas 17% dos católicos frequentam a missa regularmente, num ritmo semanal. Embora esses dados sejam antigos, não há informações que esse quadro se alterou.

Sendo pouco regulado pela instituição eclesial, o culto aos santos abriu-se para uma série de articulações sincréticas. Na Amazônia, onde as tradições indígenas são mais influentes, os santos católicos, de origem transatlântica, fazem contraponto a entidades espirituais que povoam o "fundo" das matas e dos rios. A pajelança, exercida por sacerdotes leigos, orienta os fiéis católicos no uso das ervas sagradas e na lida ritual com as entidades "encantadas" que habitam a profundidade das águas.

Já na Colônia, a Inquisição dava notícia da influência africana sobre as crenças dos portugueses no Brasil. Entre os santos de origem medieval, cujas festas a todos envolviam, e as entidades cultuadas pelos escravos, eventualmente frequentadas pelos senhores, o país tecia um intrincado padrão de práticas religiosas.

No final do século XIX, tradições nagô impuseram-se na memória africana, dando-lhe uma forma que se difundiu pelo território nacional. O Candomblé da Bahia, o Xangô do Recife, a Mina do Maranhão, apresentam, com variações, um conjunto comum de crenças e de práticas. Em todos os casos, o culto afro-brasileiro integra-

---

<sup>50</sup> FERNANDES, acesso em 22 de fevereiro de 2011.

<sup>51</sup> IBGE-PNAD, 1988



se ao calendário católico. Descansa na quaresma até o sábado de aleluia, como em sinal de respeito ao drama maior da morte e ressurreição de Cristo, e combina as festas dos orixás com as festas dos santos<sup>52</sup>.

O contraste original europeu/africano é marcante, mas a participação atravessa as classes e as raças. No Brasil, a religiosidade não constitui identidades culturais exclusivas. Brancos e negros participam das celebrações do dia e da noite, e as crenças veiculadas pelos antigos escravos ganham hoje ampla difusão entre as classes médias.<sup>53</sup>

Uma terceira vertente foi introduzida pelo Espiritismo Kardecista, que cresceu no Brasil a partir do século XIX. Situado no contexto cristão, o espiritismo se destaca pela comunicação com as almas. Ajuda-as a encontrar e a seguir o seu caminho no vasto processo evolutivo, que se cumpre através de sucessivas reencarnações.

O relacionamento com as almas dos mortos já era uma prática importante na tradição ibérica, associada à doutrina medieval do purgatório. Ainda hoje, a cada segunda-feira, dia consagrado às almas, velas acesas espalham-se pelas cidades do país, iluminando as orações pelos mortos. O espiritismo desenvolveu esta dimensão da religiosidade portuguesa, emprestando-lhe densidade ritual e um novo sentido teórico.<sup>54</sup>

Entre os santos, os orixás e as almas formou-se um campo tão rico de entidades espirituais, que uma nova religião surgiu, com características francamente brasileiras. É a Umbanda, invenção do século XX. Valoriza os santos católicos e os orixás africanos, mas abre espaço para guias espirituais de outro perfil: são personagens locais, espíritos desencarnados, que escapam às hierarquias da sociedade formal.<sup>55</sup>

É o caboclo, figura livre e ousada das matas; o preto velho, escravo combalido pelos trabalhos de uma vida, porém pleno de sabedoria; os exus, com o "povo das ruas", como o malandro Zé Pilintra, as pombas giras, as ciganas ou o boiadeiro das

---

<sup>52</sup> FERNANDES, acesso em 22 de fevereiro de 2011.

<sup>53</sup> O Censo do IBGE referente aos anos de 2001 a 2010, demonstra que o espiritismo é mais praticado (ao menos de forma declarada) entre as classes A e B.

<sup>54</sup> FERNANDES, acesso em 22 de fevereiro de 2011

<sup>55</sup> FERNANDES, acesso em 22 de fevereiro de 2011

longas viagens; e as crianças, travessas. A Umbanda demonstrou, com o seu sucesso, que os católicos brasileiros gostam de ouvir as vozes que emergem das margens da sociedade.<sup>56</sup>

Em todo esse contexto religioso-cultural surge no Brasil, por volta da segunda metade do século XIX, uma nova opção religiosa: o cristianismo dos Protestantes.

---

<sup>56</sup> FERNANDES, acesso em 22 de fevereiro de 2011

## II. UM BREVE RELATO DAS MISSÕES PROTESTANTES NO BRASIL

Desde a primeira década do século XIX os protestantes, de diversas tradições, chegaram e se estabeleceram no Brasil. Embora estes não tenham sido os primeiros protestantes que chegaram ao Brasil, uma vez que já nos séculos XVI e XVII, de formas pontuais aqui estiveram protestantes oriundos da França (Huguenotes) e da Holanda (Reformados). A partir do século XIX, porém, alcançariam uma permanência definitiva em terras brasileiras.<sup>57</sup>

### 2.1. PROTESTANTISMO MISSIONÁRIO

A partir deste ponto podemos falar do Protestantismo Missionário<sup>58</sup>. As primeiras organizações protestantes que atuaram junto aos brasileiros foram as sociedades bíblicas: Britânica e Estrangeira (1804) e Americana (1816). Traduções da Bíblia: protestante – Rev. João Ferreira de Almeida (1628-1691); católica – Pe. Antonio Pereira de Figueiredo (1725-1797). Primeiros agentes oficiais: SBA – James C. Fletcher (1855); SBBE – Richard Corfield (1856).

A Igreja Metodista Episcopal foi a primeira denominação a iniciar atividades missionárias junto aos brasileiros (1835-41). Obreiros: Fountain E. Pitts, Justin Spaulding e Daniel Parish Kidder. Fundaram no Rio de Janeiro a primeira escola dominical do Brasil. Também atuaram como capelães da Sociedade Americana dos Amigos dos Marinheiros, fundada em 1828.

Daniel P. Kidder foi figura importante dos primórdios do protestantismo brasileiro. Viajou por todo o país, vendeu Bíblias, contactou intelectuais e políticos

---

<sup>57</sup> Nos estudos sobre protestantismo no Brasil tem sido utilizada uma tipologia que subdivide o campo em dois grandes grupos: “protestantes de imigração” (os luteranos alemães são o grupo mais representativo) e “protestantes de missão” (metodistas, presbiterianos, batistas, etc.), que vieram com o objetivo de implantar suas respectivas igrejas e escolas.

<sup>58</sup> Baseado nas informações de: MATOS, Alderi de Souza, *O protestantismo no Brasil*, [http://thirdmill.org/files/portuguese/58714~11\\_1\\_01\\_10-18-11\\_AM~O\\_Protestantismo\\_no\\_Brasil.html](http://thirdmill.org/files/portuguese/58714~11_1_01_10-18-11_AM~O_Protestantismo_no_Brasil.html). Acesso em 7 de julho de 2011. Historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).

destacados, como o Pe. Feijó, regente do império (1835-37). Escreveu *Anotações de Residência e Viagens no Brasil*, publicado em 1845, clássico que despertou grande interesse pelo país.

James Cooley Fletcher (1823-1901) foi pastor presbiteriano, estudou em Princeton e na Europa, casou-se com uma filha de César Malan, teólogo calvinista de Genebra. Chegou ao Brasil em 1851 como novo capelão da Sociedade dos Amigos dos Marinheiros e como missionário da União Cristã Americana e Estrangeira. Atuou como secretário interino da legação americana no Rio e foi o primeiro agente oficial da Sociedade Bíblica Americana. Promotor entusiasta do protestantismo e do "progresso." Escreveu *O Brasil e os Brasileiros*, publicado em 1857.

Robert Reid Kalley (1809-1888) nasceu na Escócia, estudou medicina e em 1838 foi trabalhar como missionário na Ilha da Madeira. Oito anos depois, escapou de violenta perseguição e foi com seus paroquianos para os Estados Unidos. Fletcher sugeriu que fosse para o Brasil, onde Kalley e sua esposa Sarah Poulton Kalley (1825-1907) chegaram em maio de 1855. No mesmo ano, fundaram em Petrópolis a primeira escola dominical permanente do país (19-08-1855). Em 11 de julho de 1858, Kalley fundou a Igreja Evangélica, depois Igreja Evangélica Fluminense (1863), cujo primeiro membro brasileiro foi Pedro Nolasco de Andrade. Kalley teve importante atuação na defesa da liberdade religiosa. Sua esposa foi autora do famoso hinário *Salmos e Hinos* (1861).

A Igreja Presbiteriana iniciou seus trabalhos com os missionários pioneiros – Ashbel Green Simonton (1859), Alexander L. Blackford (1860), Francis J.C. Schneider (1861). Primeiras igrejas: Rio de Janeiro (12-01-1862), São Paulo e Brotas (1865). *Imprensa Evangélica* (1864), seminário (1867). Primeiro pastor brasileiro: José Manoel da Conceição (17-12-1865). A Escola Americana foi criada em 1870 e o Sínodo do Brasil surgiu em 1888.

Imigrantes americanos estabeleceram-se no interior de São Paulo após a Guerra Civil americana (1861-65). Foram seguidos por missionários presbiterianos, metodistas e batistas.

A Igreja Metodista Episcopal (sul dos EUA) enviou Junius E. Newman para trabalhar junto aos imigrantes (1876). O primeiro missionário aos brasileiros foi John James Ransom, que chegou em 1876 e dois anos depois organizou a primeira igreja no Rio de Janeiro. Martha Hite Watts iniciou uma escola para moças em Piracicaba (1881). A partir de 1880, a I.M.E. do norte dos EUA enviou obreiros ao norte do Brasil (William Taylor, Justus H. Nelson) e ao Rio Grande do Sul. A Conferência Anual Metodista foi organizada em 1886 pelo bispo John C. Granbery, com a presença de apenas três missionários.

Em relação a Igreja Batista entre os imigrantes americanos na cidade de Santa Barbara, em 10 de setembro de 1871 foi fundada a Primeira Igreja batista, provavelmente, segundo Mendonça<sup>59</sup>, pelo Pr. Richard Ratcliff. Apenas 10 anos depois, em 1881, foram enviados ao Brasil os primeiros missionários para trabalharem junto aos brasileiros: William B. Bagby, Zachary C. Taylor e suas esposas (chegados em 1881-82). O primeiro membro e pastor batista brasileiro foi o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque, que já estivera ligado aos metodistas. Em 1882 o grupo fundou a primeira igreja em Salvador, Bahia. A Convenção Batista Brasileira foi criada em 1907.

A Igreja Protestante Episcopal foi a última das denominações históricas a iniciar trabalho missionário no Brasil. Um importante e controverso precursor havia sido Richard Holden (1828-1886), que durante três anos (1861-64) atuou com poucos resultados no Pará e na Bahia. O trabalho permanente teve início em 1890 com James Watson Morris e Lucien Lee Kinsolving. Inspirados pela obra de Simonton e por um folheto sobre o Brasil, fixaram-se em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, estado até então pouco ocupado por outras missões. Em 1899, Kinsolving tornou-se o primeiro bispo residente da Igreja Episcopal do Brasil.

Todas essas igrejas trouxeram consigo, além do ardor missionário, muitas características dos cultos e liturgia das igrejas existentes no hemisfério norte. Como por exemplo, uma liturgia rígida, músicas acompanhadas pelo piano, ou órgão. Além de pouca, ou nenhuma participação do leigo. Inclusive muitas igrejas reproduziram a

---

<sup>59</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995, p. 31.

arquitetura das igrejas americanas e europeias em cidades brasileiras. Somente para ficar em dois exemplos, temos a Primeira Igreja Batista de João Pessoa, e a Igreja Batista da Capunga no Recife, cuja arquitetura é idêntica as igrejas batistas do sul dos Estados Unidos da América. Hoje fazem parte do cartão postal das respectivas cidades, mas no início do século passado eram construções “alienígenas” na arquitetura da cidade. Gerando um afastamento da população local.

Além disso, a cultura europeia e americana dos Missionários não levava em grande consideração, como parte da vida diária, a questão do mundo dos espíritos. Diferentemente da realidade brasileira com o sincretismo religioso ocorrido entre o catolicismo, religiões africanas e animismo dos índios. A liturgia, o hinário, as pregações eram desassociadas do contexto diário da maioria dos brasileiros.

Ser protestante neste momento histórico é também ser tecnologicamente superior, pois é fazer parte da religião do livro; é uma religião de letrados, num país de analfabetos. Da música clássica com pianos, órgãos e hinários cifrados – culturalmente estrangeiros; é assumir o estilo de vida americano.<sup>60</sup>

Um exemplo, é que embora o primeiro Missionário presbiteriano tenha chegado em 12 de agosto de 1859 ao Rio de Janeiro a primeira igreja foi fundada somente em 12 de janeiro de 1862, três anos depois. Além disso, nestes três anos já haviam chegado mais dois missionários: Rev. Alexander L. Blackford, e o Rev. F.J.C. Schneider. Em 13 de novembro de 1865 na cidade de Brotas, interior de São Paulo é fundada a terceira igreja Presbiteriana, sendo a primeira vez que todos os membros eram brasileiros.<sup>61</sup>

Contudo, no final do século XIX, início do século XX, surge uma nova opção na missão cristã protestante: o Pentecostalismo, que, ao chegar ao continente Latino Americano, no caso específico deste texto ao Brasil, é recebido com grande aceitação entre a população da base da pirâmide social.

## 2.2. ANTECEDENTES DA MISSÃO PENTECOSTAL NO BRASIL

---

<sup>60</sup> ALENCAR, 2010, p. 42.

<sup>61</sup> MENDONÇA, 1995, p. 30.

A Missão Pentecostal no Brasil possui raízes mais antigas do que as pregações de Seymour na rua Azuza em Los Angeles. Existem antecedentes que precisam ser percebidos para a compreensão do movimento que chega ao Brasil, como por exemplo, *a contemporaneidade dos dons espirituais*.

No decurso da história do Cristianismo, sempre houve pessoas que buscavam algo mais para a sua vida espiritual. Muitas delas, ocasionalmente, perguntavam-se à cerca do significado do batismo com Espírito Santo e dos dons espirituais. Recentemente, alguns trabalhos vêm sendo publicados para lançar maior clareza sobre esses eventos, mostrando, assim, que o interesse pela obra e dons do Espírito não é tão novo como alguns apregoam.

O século XIX assistiu à valorização de uma visão científica do mundo, colocando sob suspeição a visão religiosa. No entanto, ao mesmo tempo que a ciência avançava, com novas descobertas, assistia-se a uma forte reação religiosa e, dentro do protestantismo, surgem vários movimentos de retomadas do fervor religioso, que ficaram conhecidos como “reavivamentos”.

Pelo menos dois reavivamentos no século XIX podem ser considerados precursores do pentecostalismo moderno. O primeiro ocorreu na Inglaterra, em 1830, durante o ministério de Edward Irving; o segundo, no extremo sul da Índia, por volta de 1860, mediante influência da teologia dos Irmãos de Plymouth e sob a liderança do leigo indiano J. C. Aroolappen. Documentos contemporâneos incluem referências ao falar noutras línguas e à profecia nesses movimentos.<sup>62</sup>

As conclusões dessas pesquisas corrigem, em parte, a crença existente em alguns círculos teológicos de que os dons espirituais cessaram na Era Apostólica. Benjamin B. Warfield, em seu livro: *Counterfeit Miracles*, propôs, enfaticamente, que a autoridade escrita e objetiva das Escrituras, que são inspiradas pelo Espírito Santo, seria, inevitavelmente, subvertida por aqueles que ensinassem um conceito subjetivo

---

<sup>62</sup> Para maiores informações sobre o assunto ver: BUNDY, David. *The Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*, ed. Stanley M. Burgess, Gary B. McGee e Patrick Alexander. Grand Rapids: Zondervam Publishing House, 1988. Sobre o reavivamento no sul da Índia, ver: LANG, G. H. *The History and Diaries of an Indian Christians*. Londres: Thynne and Co., 1939.

do mesmo Espírito. Todavia, nos últimos anos, essa opinião tem perdido espaço no meio evangélico.<sup>63</sup>

Com a chegada do reavivalismo, no fim do século XVII e início do século XVIII na Europa e na América do Norte, alguns dentre os pregadores calvinistas, luteranos e arminianos passaram a enfatizar o arrependimento e a piedade na vida cristã (como, por exemplo, o movimento pietista alemão). Qualquer estudo sobre o pentecostalismo, precisa se ater a esse período, principalmente sobre a doutrina da perfeição cristã ensinada por John Wesley, o pai do metodismo, e pelo seu assistente John Fletcher. A publicação por Wesley de “A Short Account of Christian Perfection [Um Breve Relato da Perfeição Cristã] (1760), conclama os seus seguidores a buscarem uma nova dimensão espiritual. Segundo ele, essa segunda graça, posterior a conversão, libertaria os crentes de sua natureza moral imperfeita, que os tem induzido ao comportamento pecaminoso”.

Essa doutrina de Wesley chegou a América do Norte, e inspirou o crescimento do Movimento de Santidade. Esse movimento foi caracterizado pela ênfase à vida santificada, mas não havia menção ao falar em outras línguas. Porém, a crença em uma segunda obra da graça não ficou restrita aos círculos metodistas americanos. Charles G. Finney, por exemplo, acreditava que o batismo no Espírito Santo provesse o revestimento do poder divino para se obter a perfeição cristã. Todavia, a teologia de Finney não se encaixava nem na Reformada e nem na categoria Wesleyana, tendo feito, então, a sua teologia sistemática. Finney utilizou o seu conhecimento jurídico (era advogado), e escreveu uma teologia que, muitos a chamam, de teologia sistemática voltada para a moral. Porém, era claro no pensamento de Finney a necessidade do batismo com o Espírito Santo, como revestimento<sup>64</sup>, embora não houvesse menção no falar em novas línguas.

Mesmo que a teologia da Reforma houvesse identificado o batismo com o Espírito Santo a conversão, alguns dos reavivalistas dentro dessa tradição, aceitavam um conceito de uma segunda obra da graça para revestir os cristãos do

---

<sup>63</sup> HORTON, Stanley M., Ed. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. Warfield e outros teólogos da escola do “Velho Pinceton” de teologia representavam os sentimentos anti-reavivalistas no prebiterianismo norte-americano.

<sup>64</sup> FINNEY, Charles G. *Teologia Sistemática*, Rio de Janeiro: CPAD, 2001.



poder do alto. Entre eles se encontravam Dwigh L. Moody e R. A. Torrey, que acreditavam que a santificação mantinha-se em sua obra progressiva. Porém, é necessário afirmar que essa progressividade, não é para tornar as pessoas divinas, mas para se estar mais próximo de Deus e da sua intimidade.<sup>65</sup>

Outro pregador que tornou-se um personagem chave nesse movimento, foi um ex-presbiteriano, A. B. Simpson, fundador da Aliança Cristã e Missionária, cuja forma de pensar teve grande impacto na formação doutrinária das Assembléias de Deus<sup>66</sup>, enfatizava nitidamente o batismo no Espírito Santo.

No século XIX, a ciência médica avançava lentamente e pouca ajuda oferecia aos que se achavam gravemente enfermos. Isso fez com que a fé no poder miraculoso de Deus para a cura física fosse acolhida em alguns círculos com mais facilidade. Na Alemanha do século XIX os ministérios que ressaltavam a oração pelos enfermos (especialmente os de Dorothea Trudel, Johann Cristoph Blumhardt e Otto Stokmayer) chamavam a atenção dos norte-americanos. Logo, a teologia da Santidade, com sua crença na purificação instantânea do pecado ou no revestimento de poder do Espírito Santo, produziu um ambiente receptivo aos ensinamentos de cura imediata através da fé.<sup>67</sup>

O entendimento era que, o batismo no Espírito Santo, restaura plenamente o relacionamento espiritual que Adão e Eva possuíam com Deus no jardim do Éden. Logo, criam que, de modo significativo, a vida mais sublime em Cristo podia, também, inverter os efeitos físicos da queda, capacitando os cristãos a adquirir autoridade sobre as enfermidades do corpo. Havia muitos defensores da cura divina, com, por exemplo, Charles C. Cullis, A. B. Simpson, A. J. Gordon, Carrie Judd Montgomery, Maria B. Woodwrth-Etter e John Alexander Dowie, eles baseavam boa parte dessa crença em Isaias 53.4,5, bem como nas promessas neotestamentárias de cura divina. Posto que Cristo não somente perdoava pecados, mas também curava as enfermidades do povo. Criou-se uma crença que os que viviam pela fé na promessa

---

<sup>65</sup> HORTON, 1999, p. 13

<sup>66</sup> Primeira igreja com uma teologia pentecostal definida e organizada em uma convenção nos EUA em 1914.

<sup>67</sup> HORTON, 1999, p. 14.

de Deus (Ex 15.26) já não precisavam de assistência médica e, caso lançassem mão de ajuda médica, estavam demonstrando falta de fé.<sup>68</sup>

A cada dia que passava o movimento de Santidade possuía cada vez mais características “pentecostais”, e, isso fazia que seus adeptos estivessem mais propensos a considerarem os dons do Espírito na vida da igreja. Embora a maioria dos cristãos acreditasse que o falar noutras línguas tivesse cessado na Igreja Primitiva, os demais dons, inclusive a cura miraculosa, estavam à disposição dos cristãos.<sup>69</sup>

A ênfase adotada nessas igrejas claramente se contrapunha à forma como o protestantismo era vivenciado nas Igrejas tradicionais, onde a vida religiosa era mais nominal. As igrejas pertencentes ao movimento de santidade formaram a rede pela qual o movimento pentecostal, surgido no início do século XX, se alastraria.

A gênese do movimento pentecostal, geralmente, é identificada como sendo a passagem do ano de 1900 para 1901, durante uma reunião de oração, dirigida pelo pastor Charles Parham, fundador do colégio Bíblico Betel, na cidade de Topeka, Kansas. Ele, com seus alunos, após estudo e interpretação de certos textos de Atos dos Apóstolos, chegaram a conclusão que o batismo do Espírito Santo era outra coisa diferente do ensinado comumente nas igrejas, e que sua evidência, ainda de acordo com a Bíblia, era a glossolalia. Durante essa reunião uma das alunas teve essa experiência, o que passou a ser conhecido como o nascimento do pentecostalismo.<sup>70</sup>

De acordo com Campos<sup>71</sup>, Parham propôs aos seus alunos a seguinte questão:

Existiria uma evidência bíblica para o batismo do Espírito Santo? Após um tempo de pesquisa na Bíblia, os estudantes chegaram à conclusão de que a glossolalia era o sinal que procuravam. Se havia tal evidência na Bíblia, faltava uma experiência em que alguém falasse as novas línguas. Esse fato ocorreu na passagem de ano de 1901. Durante uma vigília Agnez Ozman

---

<sup>68</sup> HORTON, 1999, p. 14.

<sup>69</sup> HORTON, 1999, p. 14.

<sup>70</sup> SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. *De bem com a vida: o sagrado em um mundo em transformação*, 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado na Universidade de São Paulo – USP, 2001, p. 29.

<sup>71</sup> CAMPOS Jr., Luís de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995, p. 22.

(uma das alunas de Parham) sentiu a necessidade de receber preces com a imposição de mãos. Com a oração, Ozman falou em outras línguas: era o começo do pentecostalismo nos EUA.

O movimento se alastrou pelas igrejas protestantes que adotavam a ênfase na santidade, mas nessa fase ficou restrito ao estado do Kansas. Porém, alguns anos mais tarde, em 1905, Parham fundou uma outra escola bíblica, desta vez na cidade de Houston, Texas. Dentre os seus novos alunos estava W. J. Seymour, um negro nascido escravo e de origem batista, que ao passar pela glossolalia, também entendeu que ela sinalizava o batismo do Espírito Santo e passou a dar ênfase a esse tema em suas pregações.

Em referência a Charles Parham, Freston<sup>72</sup> assevera que, entretanto,

o estopim do movimento pentecostal não foi esse admirador do Ku-Klux-Klan que permitia que negros ouvissem suas aulas somente do lado de fora da porta, e sim um aluno negro chamado W. J. Seymour, um batista nascido como escravo, que era cego de um olho e trabalhava como garçom.

No ano seguinte Seymour vai para Los Angeles, nessa época a cidade de maior crescimento nos Estados Unidos. Chegando a essa cidade é convidado a pregar em uma igreja de negros, adepta do movimento de santidade. Nas suas pregações acrescenta, à ênfase já clássica de conversão e santidade, o batismo com o Espírito Santo. Esse “acréssimo” causou um atrito com a liderança da igreja, obrigando-o a se retirar. Seymour começa, então, pequenas reuniões nas casas com os simpatizantes da sua mensagem, mas em pouco tempo consegue atrair uma pequena multidão. Com o aumento do número de participantes, eles transferiram as reuniões para um velho templo metodista desativado, localizado na rua Azuza (Azuza Street), nome que tornou-se referência no movimento pentecostal até os dias de hoje.<sup>73</sup>

As reuniões estenderam-se por três anos e o número de participantes crescia cada vez mais e, com isso, chamou a atenção da imprensa norte-americana. As

---

<sup>72</sup> FRESTON, Paul. *A Assembléia de Deus*. In: *Nem anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 74

<sup>73</sup> SIEPIERSKI, 2001, p. 30.

reuniões eram freqüentadas, em sua maioria, por negros e a informalidade, os cânticos alegres, as experiências de falar noutras línguas e curas divinas eram as marcas dessas reuniões. A imprensa atribuía esses acontecimentos a uma “africanização” da cultura americana, divulgando, assim, as reuniões nacionalmente. Essa divulgação trouxe muitos pastores protestantes de várias partes do país, em especial os ligados ao Movimento de Santidade, a participarem dos cultos na rua Azuza e verem o que estava acontecendo. Entre os primeiros pastores a visitarem os cultos, estava um pastor batista de Chicago, chamado W. H. Durham, de cuja igreja saíram os primeiros missionários pentecostais (Luigi Francescon fundador da Congregação Cristão do Brasil em 1910; Gunnar Vingren e Daniel Berg trouxeram a fé pentecostal a terras brasileiras, fundando as Assembléias de Deus em 1911). Durham torna-se um pentecostal e é acompanhado por toda a sua igreja em Chicago. Chicago, por sua vez, era a segunda maior cidade americana e estimava-se que a sua população era composta por 75% de imigrantes.<sup>74</sup>

Não deixa de chamar atenção o fato da expansão pentecostal estar associada a um momento de intensa transformação social, na qual os personagens principais eram pessoas que estavam passando por profunda experiência de *desenraizamento*, deixando as suas regiões de origem para tentar reconstruir a vida em outras nações. Muitos dos que se tornaram missionários pentecostais continuaram as suas peregrinações, sem jamais se fixarem novamente, só que agora imbuídos de uma missão religiosa.

Junto a esses acontecimentos, havia discussões também na esfera escatológica, que muito influenciou o movimento pentecostal.

### 2.3. UMA NOVA OPÇÃO ESCATOLÓGICA

Essa era uma época de ebulição. Os desdobramentos da Guerra Civil americana, dividiu os protestantes americanos em pós e pré-milenistas. Bosch<sup>75</sup> diz que os personagens principais desse reavivamento (ou terceiro despertar), era,

---

<sup>74</sup> SIEPIERSKI, 2001, p. 30.

<sup>75</sup> BOSCH, David, *Missão transformadora*. Editora Sinodal: São Leopoldo, 2002, p. 344.

majoritariamente, pré-milenista. “Os pré-milenistas tendiam a uma concepção ainda mais melancólica das pessoas não cristãs do que a prevalecente entre seus predecessores; às vezes, aplicava-se essa concepção também aos que professavam ser cristãos, mas possuíam claramente uma compreensão diferente do evangelho”<sup>76</sup>. Nesse contexto, a conversão representava uma experiência de crise, uma passagem das trevas absolutas para a luz absoluta. Nessa época a motivação missionária passou da ênfase no profundo amor de Deus para a concentração na iminência e no horror do juízo divino.

Moody, como o principal evangelizador do último quarto do século XIX, enfatizava a responsabilidade individual, que cada um era capaz de tomar. Uma típica exortação de Moody era a seguinte: “Qualquer que seja o pecado, decida-se e você triunfará sobre ele”<sup>77</sup>. Nessas abordagens, a Igreja não é apenas um corpo, mais é feita de indivíduos que individualmente optaram por pertencerem a essa ou aquela denominação.

Há também o fato que a teologia estava em ebulição, devido à influência do Iluminismo e a teologia liberal, que ganhava espaço nas universidades americanas. Soma-se, ainda, a questão escatológica que também estava em ebulição. Estava surgindo uma nova linha teológica, mais especificamente escatológica, que iria influenciar grandemente a formação do pentecostalismo: o Dispencialismo.

O movimento chamado de dispensacionalismo surgiu em meados do século XIX na Inglaterra, através do grupo que levou o nome de “Irmãos” ou “Irmãos de Plymouth”, por terem como origem a cidade de Plymouth. Seu principal expoente foi John Nelson Darby (1800-1882), um irlandês que, insatisfeito com a Igreja Anglicana, da qual era ministro, juntou-se ao grupo dos Irmãos em 1827. Por volta de 1830 Darby já era o principal líder dos Irmãos, dada a sua capacidade de organização e a sua proficiência em escrever. A característica principal desse grupo foi a ênfase que deu às reuniões semanais de estudo bíblico e celebração da Ceia do Senhor, associada a um desprezo por qualquer tipo de organização denominacional ou forma de culto. Os Irmãos rejeitavam qualquer sistema clerical ou de classe ministerial,

---

<sup>76</sup> BOSCH, 2002, p. 383.

<sup>77</sup> BOSCH, 2002, p. 383.

insistindo que estavam regressando à forma simples de culto e governo eclesiástico dos apóstolos.<sup>78</sup>

Embora não fosse o tema principal no começo, não tardou para que a doutrina da volta de Cristo ocupasse o centro dos estudos e, com ela, surgisse com grande ímpeto o desenvolvimento de um novo modelo de interpretação bíblica. Darby e seus seguidores passaram a alardear que haviam “redescoberto verdades” que foram desconhecidas ao longo de toda a história, desde os dias apostólicos, as quais teriam ficado à margem do ensino tradicional do Cristianismo histórico. Fazia parte desse novo modelo aquilo que passou a ser chamado até hoje, nos círculos dispensacionalistas, de “interpretação literal das profecias”.

Esse novo modo de interpretação bíblica, especialmente de profecias, ganhou popularidade rapidamente nos círculos evangélicos, graças ao grande trabalho de divulgação que dele foi feito pelo próprio Darby e por seus seguidores, e graças, principalmente, ao grande volume de livros, panfletos e artigos sobre o assunto que foram, desde então, escritos e ainda continuam sendo. Grandes movimentos, como o das Conferências Evangélicas de Dwight L. Moody, eram virtualmente controlados por dispensacionalistas<sup>79</sup>. A escola fundada por Moody, que passou a chamar-se Instituto Bíblico Moody, assim como diversas outras escolas teológicas, como o atual Seminário Teológico de Dallas, passaram a ser verdadeiros centros de doutrinação dispensacionalista, nos Estados Unidos.

Outro fator que muito contribuiu para a difusão do pensamento dispensacionalista foi a publicação da chamada Bíblia de Referência de Scofield, em 1909, a qual já vendeu mais de dois milhões de cópias desde então. A Bíblia de Scofield ou, mais corretamente, a Bíblia de Referência de Scofield é, na verdade, uma edição da Versão King James, com anotações feitas por Scofield, na linha de interpretação dispensacionalista. William E. Cox afirma que “o pai do dispensacionalismo, Darby, assim como seus ensinamentos, provavelmente não seriam

---

<sup>78</sup> ICE, Thomas, *Entendendo o dispensacionalismo*, São Paulo: Editora Actual, 2005.

<sup>79</sup> CONN, Harvie M. *Teologia Contemporânea em El Mundo*. Grand Rapids: Subcomisión Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1985, p. 115.

conhecidos hoje, não fosse por seu devoto seguidor, Scofield<sup>80</sup>. Esta declaração oferece uma idéia da influência que Scofield exerceu, especialmente através de sua “Bíblia”, na propagação do dispensacionalismo.

Como o movimento pentecostal estava surgindo e sua linha teológica ainda estava sendo direcionada a seguir uma linha mais fundamentalista e pré-milenista, o dispensacionalismo tornou-se uma opção aceitável para a época.<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> Cf. COX, Willian E. *An Examination of Dispensationalism* Phillipsburg: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1963, p. 13

<sup>81</sup> Não se está fazendo juízo de valor sobre o dispensacionalismo, ou o pré-milenismo como as melhores opções. É certo também que, atualmente, vários estudiosos questionam o dispensacionalismo dizendo que a teoria do arrebatamento iminente da igreja, uma mensagem profundamente escatológica, gerou um amortecimento na consciência social da igreja. Também é fato que isso é questionável. Talvez exista a necessidade de uma pesquisa sobre a mobilidade social dos membros da Assembleia de Deus e de sua influência na sociedade, visto que a Assembleia de Deus é uma igreja cuja base teológica é pré-milenista e pré-tribulacionista (dispensacionalista – pelo menos por parte dos missionários americanos que chegaram na segunda metade do século XX. Como exemplo pode se citar o livro: OLSON, N. Lawrence. *O plano divino através dos séculos*. 25.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.)

### III. 1911: MISSÃO DE FOGO NO BRASIL

A utilização deste título para este capítulo é proposital. Rui Raiol,<sup>82</sup> diretor do Museu Nacional da Assembleia de Deus em Belém do Pará, por ocasião do Centenário da referida Igreja, produziu um livro com esse título. O livro de Rui Raiol é um livro de ficção, porém totalmente baseado em fatos reais, nas Atas, livros caixas, diário de viagens de Vingren, todos guardados no Museu Nacional da Assembleia de Deus, além de livros já publicados com a história da Igreja. Dois capítulos são claramente frutos da mente do autor para que a leitura pudesse cativar leitores leigos e não apenas pesquisadores.

Sendo o texto desta dissertação de cunho acadêmico e teor científico, obviamente, o livro de Raiol não fornece a base deste capítulo, apenas é utilizado para algumas comparações, que podem ser facilmente comprovadas por outras fontes bibliográficas amplamente conhecidas. Além do mais, tal texto, mesmo sendo de ficção baseado em fatos reais, reforça o que chamamos de “imaginário assembleiano”, onde milagres, curas e histórias têm atravessado gerações até o Centenário.

#### 3.1. A MENSAGEM PENTECOSTAL NA ALMA DO BRASILEIRO

Vingren nasceu no dia 8 de agosto de 1879, em Ostra Husby, pequena cidade da Suécia.<sup>83</sup> Aos 18 anos foi batizado na igreja Batista de Wrada. Em 1897 leu um

---

<sup>82</sup> RAIOL, Rui, *1911, Missão de fogo no Brasil*. Belém, PA: Editora Paka-tatu e Museu Nacional da Assembleia de Deus em Belém do Pará, 2011.

<sup>83</sup> Citamos mais a ação de Vingren devido ao seu maior papel na formação doutrinária da Igreja Assembleia de Deus. Isso não desmerece o trabalho de Daniel Berg, muito pelo contrário. Daniel Berg possuiu um trabalho muito importante na evangelização, além de que trabalhava durante o dia para poder pagar as aulas de português de Gunnar Vingren. Vingren já havia exercido o pastorado nos EUA, além de ter concluído o curso de teologia. Vingren e, posteriormente, Samuel Nystron e Nels Nelson formariam a base do ensino do pentecostalismo na Assembleia de Deus. Há uma compreensão errada que a Assembleia de Deus é americanizada, quando na verdade os Missionários americanos só chegaram após a Segunda Guerra Mundial, ou seja, já havia uma base doutrinária estabelecida. Essa diferenciação entre americanos e suecos (assim como as diferenças metodológicas) ainda marcam a Igreja nos dias de hoje. Basta lermos as palavras do Pr. José Wellington Bezerra da Costa, presidente da AD no Belenzinho, São Paulo e presidente da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – organizada em 1930), em relação a diferença entre ele (que está com 77 anos) e o Pr. Samuel Câmara (52 anos), que almeja a presidência da



artigo sobre missões que despertou o desejo de ir a outras nações. Em 1903, assim como outros tantos jovens, embarcou rumo aos Estados Unidos da América. No Seminário Batista Sueco na cidade de Chicago graduou-se em teologia em 1909. Em junho do mesmo ano iniciou o trabalho pastoral na Primeira Igreja Batista de Menominee, em Michigan. Vingren vai receber o Batismo com o Espírito Santo ao visitar a Primeira Igreja Batista Sueca em Chicago, neste mesmo culto conhece seu amigo e companheiro na Missão Daniel Berg.<sup>84</sup>

Raiol relata que a igreja em Menominee não aceitou bem a ideia do batismo como Espírito Santo. Ao deixar o pastorado em Menominee, Vingren assume a direção da igreja Batista em South Bend, no estado de Indiana; foi nesta igreja que Deus falou com ele sobre a Missão no Brasil ao visitar um membro da igreja chamado Olof Uldin.<sup>85</sup> Nesta mesma visita Deus, por intermédio do profeta, os orienta a irem a uma terra chamada Pará, no Brasil. Saindo da casa de Uldin, procuram uma biblioteca e olham no mapa a localização do estado do Pará, identificando a capital Belém.<sup>86</sup> A partir daí, começa a saga de dois jovens solteiros que embarcam no navio Clemente rumo a Belém do Pará, chegando no dia 19 de novembro de 1910.

Ao chegarem a Belém, passaram 7 meses na Primeira Igreja Batista, mas a experiência Pentecostal não foi bem aceita por uma parte dos irmãos, tendo sido desligados da igreja. O grupo de fiéis que foram desligados da Igreja Batista, criou, sob a liderança de Gunnar Vingren, a Missão da Fé Apostólica, mesmo nome da igreja pentecostal fundada por W. J. Seymour. Este movimento cresceu significativamente, não apenas em Belém do Pará, mas também em outras regiões

---

CGADB: “Nós temos influência dos suecos, temos doutrina firme. Nosso objetivo é salvação e edificação. O deles é baseado nos americanos com atos midiáticos e comércio. Eles se amoldam a determinados costumes que não nos adaptamos.” [entrevista concedida a *Celso de Carvalho em 31/5/2011*. [www.creio.com.br](http://www.creio.com.br)]. Maiores informações sobre todos os Missionários estrangeiros e as datas: ARAÚJO, 2007.

<sup>84</sup> SOUZA, Benjamin. *História centenária da Assembleia de Deus*. 8. ed. Belém, PA: AD Belém, 2011, p. 82.

<sup>85</sup> RAIOL, 2011, p. 22.

<sup>86</sup> GONZÁLEZ, Justo L. & GONZALEZ Ondina E. *Cristianismo na América Latina, uma história*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2010, p. 416.

do Brasil. Após sete anos de intenso crescimento, foi oficializado em 1918 o nome Assembleia de Deus:

O ano de 1918 foi de suma importância para a continuação do movimento pentecostal no grande país. O trabalho já contava com alguns anos. Agora chegou o tempo de registrar a igreja oficialmente, para que fosse pessoa jurídica. Isto aconteceu no dia 11 de janeiro de 1918, quando a igreja foi registrada oficialmente com o nome de Assembléia de Deus.<sup>87</sup>

Em seus primeiros anos, a expansão da Assembleia de Deus no Brasil ocorreu não apenas por uma ação planejada de suas lideranças, mas muito pela ação dos leigos. Berg evangelizava ao longo da Estrada de Ferro Belém-Bragança e na Ilha de Marajó e Vingren pastoreava a igreja em Belém. Nas demais localidades, a mensagem assembleiana era difundida por novos convertidos.<sup>88</sup>

Um dos fatores que impulsionou o crescimento inicial da Assembleia de Deus em outras regiões foi o declínio do ciclo da borracha na região da Amazônia brasileira.

O boom da borracha foi responsável por uma significativa migração para a Amazônia. Calcula-se que entre 1890 e 1900 a migração líquida para a região foi de cerca de 110 mil pessoas. Elas provieram sobretudo do Ceará, um Estado periodicamente batido pela seca.

[...] Entre 1890 e 1900, a população de Belém quase dobrou, passando de 50 mil a 96 mil pessoas. As duas maiores cidades da Amazônia (Belém e Manaus) contaram com linhas elétricas de bonde, serviços de telefone, água encanada, iluminação elétrica nas ruas, quando tudo isso, em muitas cidades, era ainda um luxo. Entretanto, essas mudanças não conduziram à modificação das miseráveis condições de vida dos seringueiros que extraíam borracha no interior. Não levaram também a uma diversificação das atividades econômicas, capaz de sustentar o crescimento em uma situação de crise.

A crise veio, avassaladora, a partir de 1910, tendo como sintoma a forte queda de preços. Sua razão básica era a concorrência internacional. A borracha nativa do Brasil sempre sofrera a concorrência da exportada pela América Central e a África, que era porém de qualidade inferior. As plantações realizadas principalmente por ingleses e holandeses em suas colônias da Ásia mudaram esse quadro. A borracha era de boa qualidade, de baixo custo e seu cultivo podia estender-se por uma grande área. Enquanto isso, tornava-se cada vez mais dispendioso extrair borracha nativa nas regiões distantes da Amazônia".<sup>89</sup>

<sup>87</sup> VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: o diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973, p. 91

<sup>88</sup> BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

<sup>89</sup> FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002, p. 164,165.

A crise da borracha fez com que os imigrantes retornassem aos seus estados de origem. A Assembleia de Deus acompanhou esse fluxo migratório. Devido a aceitação dessa nova fé por pessoas, em sua grande maioria composta por trabalhadores da base da pirâmide social, desta forma, “seguindo os fluxos da população trabalhadora nas diferentes frentes de trabalho, que, em poucos anos, a ‘Igreja do Espírito Santo’ se afirmou como a maior igreja pentecostal em território nacional.”<sup>90</sup>

Não obstante a opulência da cidade de Belém, havia uma imensa quantidade de pessoas perambulando pelas ruas: estava chegando ao fim do ciclo da borracha. Somando-se a esse fato, Belém também estava sendo assolada por uma epidemia de lepra, além de malária, tuberculose e febre amarela. Havia muitos imigrantes, sobretudo da região Nordeste (que na época fazia parte da região Norte), além de muitos estrangeiros que trabalhavam na companhia das docas do Estado do Grão Pará<sup>91</sup>.

Gunnar Vingren e Daniel Berg não foram enviados com suporte financeiro de nenhuma igreja, seja americana ou europeia<sup>92</sup>. A missão empreendida por eles não dispunha de recursos financeiros, dependiam exclusivamente daqueles que ouviam a pregação e se convertiam a essa nova fé.

Rui Raiol em um artigo publicado no jornal *O Liberal* (jornal de maior circulação no Pará) relata uma história escrita por Gunnar Vingren sobre uma enfermidade que demonstra muito bem a falta de amparo no início do trabalho:

Quando regressei da viagem ao Marajó no final de 1911, sofri uma das piores provações. Adoecei muito. Lá no rio Tajapuru, fui acometido de uma terrível febre. Sem solução, voltei para Belém. Um inchaço, que começou pelos meus pés, subiu até o meu peito. Eu quase não conseguia respirar. Então me recomendaram que passasse uns dias em Mosqueiro, uma ilha próximo de Belém. Lá as águas doces do rio poderiam me ajudar. Fiz a viagem.

---

<sup>90</sup> MAFRA, Clara. *Relatos Compartilhados: experiências de conversão ao pentecostalismo entre brasileiros e portugueses*. Mana, v. 6, n. 1, 2000, pp.12-15.

<sup>91</sup> FAUSTO, 2002, p. 165.

<sup>92</sup> A BÍBLIA Sagrada. *Tradução de João Ferreira de Almeida*. Suplemento 100 anos da Assembleia de Deus. São Paulo: SBB, 2011. Somente no ano de 1914 Daniel Berg viaja a Suécia e então começam a receber algum apoio da Igreja Filadélfia em Estocolmo, então pastoreada pelo Pr. Lewi Petrus. Essa igreja motivou vários outros missionários da Escandinávia a virem a terras brasileiras até o final da primeira metade do século XX.

De fato, melhorei um pouco do inchaço. Em compensação, atacou-me uma forte tosse e muita febre. Durante a noite, eu tremia, ardendo. Praticamente não conseguia ficar na cama devido a tosse. Isso durou quase um mês.

No meio de toda essa enfermidade, um dia algumas pessoas se amotinaram para me matar e destruir tudo. O plano era queimar a casa onde eu estava hospedado. Eles não me queriam naquela ilha. Uma irmã soube da emboscada e veio me avisar.

Quando ela chegou, do lado de fora uma multidão estava gritando enfurecida: – Matem o missionário! Matem o missionário! Meu Deus! O que eu podia fazer? Eu estava muito fraco pela doença e a frente da casa estava cercada. A solução foi fugir pelo quintal até alcançar a mata. Eu estava muito abatido, ardendo de febre, a tal ponto que precisei andar apoiado sobre as mãos. Fui devagar, rastejando na escuridão, ofegante. De vez em quando eu parava para respirar. Fiquei muito machucado. Me bati em troncos e galhos, afundei na lama. Muitos espinhos ficaram cravados no meu corpo.

Mesmo de longe, ainda ouvia o grito daqueles homens encolerizados. Era como uma operação policial. Eles não sossegavam. Quando perceberam que eu tinha fugido pelo mato, enviaram cães para me procurar. Graças a Deus, os cães passaram perto de mim várias vezes, mas não me encontraram! Eles farejavam, latiam, porém não conseguiam me ver! Só depois, não sei a que horas da noite, enxerguei a luz de uma casa. Aproximei-me devagar e, para glória de Deus, era a casa de um irmão da igreja! Ali fiquei escondido. Não pude mais dormir naquele resto de noite. Pela manhã, ainda escuro, apanhei uma embarcação para Belém.<sup>93</sup>

A proximidade dos missionários com a cultura dos brasileiros, o seu sofrimento, perseguição, pobreza financeira e persistência os aproximava cada vez mais daquele povo. Estudos realizados na década de 70 do século passado demonstravam que a base social no qual se desenvolveu o Pentecostalismo, no caso específico deste texto a Assembleia de Deus, foi a classe mais pobre, a base da pirâmide social brasileira.<sup>94</sup>

Uma das hipóteses levantada não é que houve a escolha: “vamos pregar aos pobres e não aos ricos”. Os fundadores da Igreja Assembleia de Deus eram pobres financeiramente. Eram imigrantes pobres da Suécia nos Estados Unidos da América. Além disso, vieram para o Brasil seguindo um sonho de serem Missionários, por crerem que Deus os havia enviado (repetindo que nenhuma igreja os havia enviado).

<sup>93</sup> RAIOL, Rui, *Belém deve pedir perdão a missionário*. Jornal O Liberal, terça-feira, 19 de abril de 2011.

<sup>94</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil, um interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

Ao chegarem, as condições financeiras que possuíam os colocaram em contato com seringueiros, estivadores, trabalhadores de estradas de ferro, imigrantes. Esse foi o público que os ouviu primeiro. Esse público, ao sair de Belém em busca de novas possibilidades de sobrevivência, leva consigo a nova fé, novamente pregando aos de sua classe social.<sup>95</sup>

Um povo que acreditava no sobrenatural começa a ser orientado na oração a Deus, em conversar diretamente com Deus sem intermediários, agradecendo e louvando, mas também contado-lhe os seus dilemas. Os Missionários possuíam o hábito de orar como um estilo de vida, influenciando assim aos membros desta nova Igreja. Individualmente os membros eram orientados a passarem horas prostrados. O costume era orarem pela manhã, meio dia e ao pôr-do-sol. Orar antes de adormecer e até nos intervalos do sono. Também eram realizadas vigílias de oração durante toda a noite.<sup>96</sup>

Havia ainda as orações coletivas da família durante as refeições e os cultos domésticos. Não importava se eram brancos, negros, ricos, pobres, letrados, ou não. Todos, em suas casas, podiam dirigir cultos, orações e cânticos. Todos eram ensinados que podiam falar com Deus, serem curados de suas doenças e orarem para que outros fossem também curados. Era a contemporaneidade dos dons espirituais aprendida pelos missionários no início do pentecostalismo nos Estados Unidos da América.

Em um período em que a missa ainda era realizada em latim, os frequentadores da Assembleia de Deus eram orientados a lerem a Bíblia diariamente o máximo que pudessem. Era a Palavra de Deus que estava sendo, na visão deles, compartilhada com todos. Ou seja, cada um podia ler e falar sobre ela. Os que não

---

<sup>95</sup> É verdade que novas pesquisas devem ser feitas para fazer uma análise da situação da Assembleia de Deus em relação à mobilidade social de seus membros. Ao assistir um culto na Assembleia de Deus em Mossoró, interior do Rio Grande no Norte – um templo para mais de 4.000 pessoas construído com recursos próprios, amplo estacionamento – o Pastor presidente da Igreja, Martins Alves, olhou para o estacionamento da igreja totalmente tomado de carros novos, e fez o seguinte comentário: “Ainda me lembro do tempo em que na frente de nossas igrejas só haviam bicicletas e cavalos amarrados!” O próprio autor deste texto é o “caçula” de uma família de 11 filhos, mãe costureira e pai mecânico, o pai frequentou apenas 2 anos a escola. Não obstante, todos os filhos estudaram. Os que não concluíram o curso universitário, hoje seus filhos (todos) estão na Universidade, ou já concluíram.

<sup>96</sup> RAIOL, 2011, p. 80.

sabiam ler, prestavam atenção e decoravam os textos, assim como os hinos, que eram fundamentais para a interiorização a mensagem.

Em 1914, Vingren registra em seu diário, que 190 pessoas haviam descido às águas, destas, 136 haviam sido batizadas no Espírito Santo. Com isso, conta-se que várias mulheres possuíam a capacidade de *profetizar*. Oravam por outros e davam orientação para a vida, além de pessoas doentes que eram curadas.<sup>97</sup>

A Assembleia de Deus<sup>98</sup>, por meio de sua mensagem, desconstruiu algumas imagens da mentalidade católica popular, a exemplo da crença em “santos” com o poder de mediar às petições do fiel a Deus.

O pentecostalismo desconstrói as devoções santorais tradicionais. A ideia difundida de que o santo não tem poder parece ser correlato simbólico da ausência das condições sócio-espaciais para os santos católico-populares poderem atuar. Na base do discurso iconoclasta pentecostal que renega o poder da imagem do santo, estão uma iconoclastia histórica – perda da função social do santo – e a busca de um novo sagrado, vivo e eficaz.<sup>99</sup>

O pentecostalismo apresenta a possibilidade do fiel tratar dos seus “assuntos” diretamente com Deus, tendo Jesus Cristo como o único mediador. A base para essa mensagem que é constantemente repetida está na afirmação do apóstolo Paulo a Timóteo: “Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem” (2 Tm 2.5).

Na visão de Passos a afirmação da exclusividade de Jesus e de seu poder cumpre a mesma função dos santos fortes católicos. Jesus tem poder para solucionar todos os problemas da metrópole assim como para interpretá-los.<sup>100</sup>

Segundo o pensamento exposto por Jenkins em seu livro a “próxima cristandade”<sup>101</sup>, o principal atrativo da mensagem Pentecostal, em contraste com as Igrejas Protestantes históricas, é apresentar um Deus ativo no dia-a-dia. “A maioria dos presbiterianos tem um Deus tão grandioso, tão imenso, que nem sequer é

<sup>97</sup> VINGREN, 1973, p. 59.

<sup>98</sup> A citação serve não apenas para a Assembleia de Deus, mas para igrejas que iniciaram a fé pentecostal em terras brasileiras, a exemplo da Congregação Cristã no Brasil.

<sup>99</sup> PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começos*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 104.

<sup>100</sup> PASSOS, 2005, p. 104. A tese de Passos nesta questão é que com a urbanização do país, populações inteiras das zonas rurais migraram para as cidades. Chegando nas cidades ficaram deslocadas perdendo os seus referenciais de comunidade. Ao se depararem com novos problemas, a realidade do catolicismo popular não pode responder as suas necessidades.

<sup>101</sup> JENKINS, Philip. *A próxima cristandade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004, p. 111.

possível falar abertamente com Ele, pois está muito distante. Os grupos pentecostais têm o tipo de Deus capaz de solucionar os meus problemas de hoje e de amanhã”.<sup>102</sup>

As manifestações do mundo espiritual já estavam na alma religiosa do brasileiro, estavam em suas lendas, nas histórias dos índios, dos negros nas senzalas com suas práticas da religião africana. Contudo, essas manifestações da religiosidade vigente no Brasil era algo que o indivíduo fazia acontecer: por meio de promessas, romarias, trabalhos do candomblé, mandingas, patuás, etc.

Bobsin faz uma síntese Pentecostal que auxilia a compreensão:

No pentecostalismo, o distanciamento entre o homem e Deus deixa de existir, bem como a necessidade de intermediários. Não há mediação institucional nem santorial entre o fiel e a divindade. Os santos tão úteis do catolicismo se personalizam – “santos somos nós” – ou são transformados em ídolos e, como tais, são rechaçados, porque a adoração aos ídolos faz com que Deus se afaste do crente. Portanto, o pentecostalismo se configura como um fenômeno religioso que inaugura uma forma direta de relação do homem com Deus. O acesso à fonte de “verdade”, o “Espírito Santo”, está aberto para todos. É necessário obedecer determinadas normas estabelecidas pela congregação para que o crente possa ter acesso direto.<sup>103</sup>

O Pentecostalismo rompe com a religiosidade tradicional ao enfatizar a conversão como opção individual. Na religiosidade tradicional não há conversão. A religião é inata ao indivíduo e não fruto de uma decisão pessoal. Por exemplo, ser “médium”, não é uma escolha é um destino. Além disso, nas religiões afro-americanas cada um nasce com o seu “santo”, que não se escolhe.<sup>104</sup>

---

<sup>102</sup> JENKINS, 2004, p. 112. Obviamente que não se está defendendo que o Deus pregado pela Igreja Presbiteriana seja diferente, mais fraco. Cremos no mesmo Deus trino que é: Onipotente, Onipresente e Onisciente. Creio que Jenkins, que não é um teólogo, mas um professor de história e religião na Penn State University, também não está fazendo esta afirmação. O que ele está fazendo é uma análise da forma que a mensagem cristã chega aos ouvidos do povo. Além do mais, não somente o presbiterianismo, mas as igrejas protestantes históricas, sofreram um processo de mudança nesses mais de 150 anos de missão de evangelização do Brasil, diferentemente das respectivas igrejas no hemisfério norte.

<sup>103</sup> BOBSIN, Oneide. *Produção religiosa e significação social do pentecostalismo a partir da sua prática e representação*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências da religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 1984, p. 105.

<sup>104</sup> MARIZ, Cecília, Loreto. *El pentecostalismo y el enfrentamiento a la pobreza en Brasil*. Guatemala: AIPRAL y CELEP, 1995, p. 209.

Na pregação Pentecostal essas manifestações espirituais eram (e são) tratadas como manifestações do Mal<sup>105</sup> que subjugava as pessoas e as escravizava. Por outro lado, não negava o espiritual, mas o reorientava. A mensagem Pentecostal Clássica diz: “Jesus Cristo salva, cura, batiza com o Espírito Santo, prepara o homem e o leva para o Céu”.<sup>106</sup> Nesta frase está contida toda a base do Pentecostalismo Clássico:<sup>107</sup>

1. Só Jesus Cristo tem poder para salvar – salvar neste contexto tem o sentido de salvação da alma da condenação eterna. O indivíduo que aceita a Cristo de todo o coração tem o direito da salvação;
2. Cura – Jesus tem o poder sobre qualquer enfermidade. Todo crente com fé, pode orar no nome de Jesus e a cura ser manifestada;
3. Batiza com o Espírito Santo – Na teologia Pentecostal (já apresentada no capítulo 2) o Batismo é uma segunda graça que capacita o crente a desenvolver determinadas atividades no mundo espiritual e físico, é um “revestimento de poder” para viver a vida cristã neste mundo, para que as palavras sejam acompanhadas pelo poder de Deus;
4. Prepara o homem – Tem o sentido de santidade na vida, que é identificada com a forma diária que o crente vive, das coisas que ele se abstém no dia a dia. Por exemplo: jogos de azar, bebidas alcoólicas, fumo, determinados tipos de roupas, palavras que se usa, pureza sexual identificada com a virgindade e monogamia no casamento;

<sup>105</sup> BOBSIN, Oneide. *Correntes Religiosas e globalização*. 2. ed. São Leopoldo: IEPG, CEBI, PPL, 2006, p. 51

<sup>106</sup> Lema do Centenário da Assembléia de Deus no Brasil: [www.cgadb.com.br](http://www.cgadb.com.br). Acesso em 15 de junho de 2011.

<sup>107</sup> SOUZA, Alexandre Carneiro. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?; um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira*. Viçosa: Ultimato, 2004, pp. 127,128. Souza apresenta 7 pontos que caracterizam a mensagem pentecostal, entre eles (de forma mais simplista) os 5 pontos abordados no corpo do texto desta pesquisa. O sexto ponto abordado por Souza como uma característica pentecostal demonstra uma mistura de conceitos entre pesquisadores que não conseguem diferenciar a proposta do Pentecostalismo Clássico com práticas de igrejas neo-pentecostais. Como exemplo ele diz que há “um apelo simbólico denso e diversificado, que inclui, entre outras coisas: a unção com o óleo, a água tomada pelo pregador após a oração consagratória, a corrente de oração que liberta o oprimido das forças do mal, etc”. Com exceção do uso do óleo para a unção do enfermo que é utilizado por igrejas do Pentecostalismo Clássico, os outros simbolismos são típicos de igrejas neo-pentecostais.



5. Leva para o Céu – A *parusia* que é fundamental na pregação pentecostal. Acreditar que a qualquer momento Jesus Cristo arrebatará sua Igreja para junto de Si. A visão pré-milenista e pré-tribulacionista dos missionários gerou uma crença que mesmo sendo pobre e rejeitado neste mundo, se for fiel a Deus, Jesus levará o crente para o Céu, onde desfrutará de alegria eterna.

A Assembleia de Deus desenvolveu-se com um alto índice de participação dos seus adeptos,<sup>108</sup> onde a mensagem de salvação é dirigida, sobretudo aos indivíduos e às relações interpessoais.<sup>109</sup> A doença, as dificuldades familiares, as crises materiais e de emprego são objeto de orações com um sentido de cura e redenção.

Em contraste com as Igrejas Protestantes Históricas que demoram alguns anos para formar obreiros brasileiros, já em 1912 Vingren faz a ordenação de Isidro Filho para pastorear a igreja de Soure, na Ilha do Marajó. Em 1913 é a vez de Absalão Piano que foi pastorear a igreja em Tajapuru, também na ilha do Marajó. A estes seguiram Pedro Trajano (pastoreou a Assembleia de Deus em João Pessoa em 1923) e Adriano Nobre que serviu no início como interprete dos Missionários. Depois foram consagrados Clímaco Bueno Aza (fundador da Assembléia de Deus no Maranhão), João Pereira Queiroz e José Estumano Moraes.<sup>110</sup>

A expansão da Igreja não ficou restrita à pregação dos homens. Maria de Nazareth, a segunda pessoa a ser batizada com o Espírito Santo, viajou à São Francisco na serra de Uruburetama, Ceará. No dia 23 de agosto de 1914, um domingo, a igreja em Belém levantou uma oferta de 15 mil réis para a viagem. Vingren fez a oração e a despediu. Nazareth anunciou o evangelho que aprendeu em Belém à sua família, mas houve muita resistência. Ainda em 1914 algumas pessoas se converteram. No ano seguinte Vingren visita o trabalho e no retorno a Belém envia Adriano Nobre. Também em 1914, Manuel Dubu, seringueiro, que foi o

---

<sup>108</sup> FRESTON, 1998, p. 337.

<sup>109</sup> CONDE, Emílio. *História das assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

<sup>110</sup> VINGREN, 1973, p. 60

primeiro homem a ser batizado com o Espírito Santo, após o fim do ciclo da borracha, volta ao seu estado natal, Paraíba, e anuncia a mensagem pentecostal.<sup>111</sup>

É importante lembrar que toda expansão para outros estados ocorreu após o fim do ciclo da borracha em 1914. Como todos os membros eram incentivados a testemunharem da sua fé, homens e mulheres seguiram seus rumos e tornaram-se missionários anônimos em terras brasileiras.

Com o crescimento acelerado da Igreja, os missionários suecos, especialmente Samuel Nystron,<sup>112</sup> organizaram em 1922 a primeira Escola Bíblica de Obreiros da Assembleia de Deus no Brasil. Foram 30 dias de estudos onde 100 pessoas, entre obreiros (de todas as igrejas já implantadas) e alguns membros, estudaram intensivamente as bases da fé. Esse modelo de treinamento foi copiado do modelo sueco utilizado pelo Pr. Lewi Pehrtrus na igreja Filadelfia em Estocolmo.<sup>113</sup> A partir desta data a realização de Escolas Bíblicas neste mesmo molde tornou-se uma marca da Igreja, além de ter sido fundamental na manutenção da homogeneidade da doutrina por ela pregada. Um exemplo é a Assembleia de Deus no Recife, que há mais de 60 anos durante todo o mês de outubro realiza a sua Escola Bíblica de Obreiros.

### 3.2. O DESENVOLVIMENTO DA FÉ PENTECOSTAL

Animados pela presença do Espírito Santo, os evangélicos pentecostais multiplicam-se num ritmo impressionante. Configurando-se no maior fenômeno religioso do fim do século XX. Como citado anteriormente no lema da Igreja, está sub-entendido na sua teologia que é preciso "nascer de novo", dar as costas ao passado e abrir-se para mudanças radicais no modo de vida, inspiradas única e exclusivamente por Jesus Cristo.<sup>114</sup>

---

<sup>111</sup> A BÍBLIA Sagrada. Suplemento 100 anos da Assembleia de Deus, 2011, p. 50.

<sup>112</sup> A BÍBLIA Sagrada. Suplemento 100 anos da Assembleia de Deus, 2011, p. 49. Neste período Gunnar Vingren já havia viajado para a Suécia para tratamento da sua saúde.

<sup>113</sup> RAIOL, 2011, p. 95.

<sup>114</sup> SIEPIESKI, 2001, p. 50.

Cortén, em seu livro “os pobres e o Espírito” Santo, utiliza-se de algumas estatísticas que demonstram esse crescimento:

A partir dos anos 50, o movimento pentecostal conhece uma ascensão irresistível. Isso já havia sido mostrado no estudo de Francisco Cartaxo Rolim. De 1955 a 1970, o número de “comungantes” – termo evangélico que corresponde mais ou menos a “praticantes” – faz mais do que triplicar. Passa de 400.000 para 1.400.000 e para a Assembleia de Deus sozinha de 250.000 para 750.000, segundo as estatísticas do culto protestante o Brasil.<sup>115</sup>

A título de esclarecer mais essa ideia, há a história de conversão de José Gomes Moreno, que era jogador de futebol do Corinthians e tornou-se locutor de rádio e pregador após a conversão. A história é narrada por Walter J. Hollenweger<sup>116</sup>, com base no livro do Missionário Lawrence Olsen.<sup>117</sup> O livro de Olsen é de 1961, mas histórias como essas são comuns na história da Igreja Assembleia de Deus.

Em um jogo, Moreno ao invés de chutar a bola ao gol, errou o chute atingindo os espectadores, onde uma mulher foi gravemente ferida, e, devido aos ferimentos, precisou ser internada. Moreno então foi visitá-la. Ao chegar ela o cobriu de injúrias: “vagabundo, cuidado para não virar assassino!”. E continuou: “Alguns crentes (da Assembleia de Deus) me disseram que Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e amanhã e para toda a eternidade, e que pessoas vagabundas como você podem ainda ser levadas para o bom caminho”. Dona Amélia, segundo o texto informa, se considerava uma boa católica e não precisava do auxílio desses crentes.

Moreno ficou com as palavras na sua mente e se dirigiu para um culto pensando: “Vi Jesus no circo, no teatro e no cinema, mas nunca em uma igreja! Como será?” Ele pensava que Jesus era um grande comediante. Ao chegar no culto, o pregador pintou o inferno diante de Moreno e descreveu com sinceridade a sua vida dissoluta. “Não podes matar teu próprio pai”, exclamou ele. No fim, apontou para

<sup>115</sup> CORTÉN, André, *Os pobres e o Espírito Santo: O pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, p. 67.

<sup>116</sup> HOLLENWEGGER, Walter J. *Um operário funda a maior igreja da América Latina: Daniel Berg e as Assembleias de Deus no Brasil*. Caderno de Pós-graduação, ciências da religião No. 4 – São Bernardo do Campo: IMS, 1985.

<sup>117</sup> OLSEN, N. Lawrence, *A half Century of Pentecost en Brazil, Pentecostal evangel*. Springfield, miss: 1961, p. 6,7.

Moreno e disse: “Esse moço deveria vir para frente e entregar o seu coração para Jesus”. Moreno se dirigiu para frente e se converteu. Depois de três dias voltou a igreja e pediu orações. Não se julgava mais normal, porque durante três dias não conseguia fumar, então foi informado que para um cristão não fumar era normal. Depois de alguns meses visitou Dona Amélia e orou pela sua saúde. Ela repentinamente sarou e se converteu no mesmo instante.

Histórias como a citada acima povoam o imaginário assembleiano. Para citar um fato bem próximo a minha família, meu avô materno, Gumercindo Ribeiro de Souza, foi batizado em águas, na Assembleia de Deus, em Belém do Pará, na década de 1920. Ele contava que estava havendo um surto de malária. Ele contraiu a doença e no dia do batismo estava com 40 °C de febre. Não obstante, acreditava na cura e foi ao batismo. Contava-nos que ao sair das águas, por milagre, não havia mais febre.

Essa prática da Igreja que não era específica a um culto, ou a uma festividade, mas uma doutrina que era ensinada sistematicamente e exaustivamente aproximava a população a essa Igreja. Não se deve esquecer que em 1911 haviam se passado apenas 23 anos que a Lei Áurea tinha sido assinada. Os negros libertos e nascidos pós 1888 encontravam na Igreja um local acolhedor e um papel social. Uma Igreja onde todos podiam receber o Batismo com o Espírito Santo, participar do culto, cantar, pregar e tornar-se líderes.<sup>118</sup>

A própria musicalidade da Igreja era diferente. Frida Vingren (esposa de Gunnar) era musicista, poetisa, escritora e teóloga. Vários hinos da Harpa Cristã tiveram suas letras e músicas escritas por ela. Em seus primeiros anos, a Assembleia de Deus usava os Salmos e Hinos, que também era utilizado por diversas igrejas evangélicas históricas. Mas em virtude de suas peculiaridades doutrinárias, os primeiros missionários e primeiros pastores brasileiros sentiram a necessidade de um hinário que também enfocasse as doutrinas pentecostais. Sendo assim, surgiu o “Cantor Pentecostal” que foi lançado em 1921, sob a orientação

---

<sup>118</sup> A AD na Paraíba teve seus cultos iniciados de forma efetiva em 1918 no interior do estado, na cidade de Alagoa Grande. Com exceção do Missionário Sueco que passou 10 meses no ano de 1922, todos os seus pastores se declaravam morenos ou negros.

editorial do brasileiro Almeida Sobrinho, tinha o pequeno hinário 44 hinos e 10 corinhos. O Cantor Pentecostal foi distribuído pela Assembleia de Deus de Belém do Pará<sup>119</sup>

Em 1922, foi lançada em Recife (PE) a primeira edição da Harpa Cristã, que viria a se tornar no hinário oficial das Assembleias de Deus. Sob a orientação editorial do Pastor Adriano Nobre (também brasileiro), teve uma tiragem inicial de mil exemplares e foi distribuída para todo o Brasil pelo missionário Samuel Nyström, então Pastor da Igreja em Belém do Pará. A segunda edição da Harpa Cristã, já com 300 hinos, foi impressa no Rio de Janeiro, em 1923. Já em 1932, tinha a Harpa Cristã 400 hinos. O Pastor Paulo Leivas Macalão, brasileiro e conhecedor de música, trabalhou junto com o Missionário sueco Samuel Nystron na adequação das letras e da música de diversos hinos. Devido isso, o Pastor Macalão tornou-se o principal elaborador e adaptador dos hinos da Harpa Cristã. Com o passar dos tempos, outros hinos foram sendo acrescentados até que o hinário oficial da Igreja atingisse 524 hinos. Número esse que, durante várias décadas, caracterizou a Harpa Cristã. Em 1999 a Harpa Cristã sofreu a sua última ampliação, passando a ter 640 hinos.

Outros autores nacionais também escreveram hinos para a Harpa Cristã como Emílio Conde, Edson Coelho, Adriano Nobre, Clímaco Bueno Aza (este era de nacionalidade colombiana que havia imigrado para Belém), entre outros que tiveram grande influência na produção de um hinário que atendesse as necessidades de uma teologia Pentecostal.

Além disso, enquanto as Igrejas Protestantes Históricas priorizavam o piano ou o órgão, a Assembleia de Deus formava bandas de músicas. Muito parecidas com as bandas de fanfarras que tocavam as marchinhas dos carnavais do início do século XX. A musicalidade dos cultos atraía um povo festeiro por natureza cultural.<sup>120</sup>

Em 1920 a Igreja já estava presente em todos os estados do Norte e Nordeste. Em 1944 a Igreja já estava presente em todos os estados brasileiros. Em

---

<sup>119</sup> ANDRADE, Claudionor Correia de. *Manual da Harpa Cristã*, Rio de Janeiro: CPAD, 1999, pp. 11-16.

<sup>120</sup> Na Paraíba há um ditado que se ajuntar 5 assembleianos já vira uma festa.

1950 a Assembleia de Deus contava com 100.000 fiéis.<sup>121</sup> O Brasil sediou uma conferência Pentecostal Mundial no Rio de Janeiro durante os dias 18 a 23 de julho de 1967. As reuniões aconteceram no Maracananzinho e o encerramento no Estádio do Maracanã. Registros da época falam de uma assistência de 200 mil pessoas no último culto. O tema da Conferência foi “O Espírito Santo glorificando a Cristo”. O presidente do Comitê Nacional foi o pastor Paulo Leivas Macalão; o secretário do Comitê Internacional era o pastor Alcebiades Pereira Vasconcelos. No ano de 1997 O segundo Congresso Mundial realizou-se em São Paulo, segundo notícias veiculadas na ocasião do evento, mais de 800 mil cristãos participaram nesse evento.<sup>122</sup>

O Pentecostalismo Clássico trouxe um apelo emotivo muito mais forte do que o apelo racionalista à mensagem cristã já pregada em terras brasileiras. A hipótese é que, possivelmente com esse apelo a proposta pentecostal cria uma ligação com os anseios espirituais da população brasileira, pois “as demandas espirituais do povo estavam marginalizadas em relação às propostas quer do catolicismo, quer do protestantismo tradicional.”<sup>123</sup>

Cabe citar neste texto um argumento de Devis Vânio Lopes em sua pesquisa de Mestrado na PUC de Porto Alegre:

A mensagem dos pioneiros assembleianos, cujo ponto de partida é Belém do Pará, rapidamente difundiu-se por todo o território nacional. O formato simples do evangelho pregado, o acolhimento comunitário, a liberdade de pregar concedida aos leigos, independentemente da posição social ou do grau de instrução do fiel, a possibilidade de poder usufruir de bênçãos divinas e de reconhecer-se como instrumento da ação divina, podendo retransmitir livremente a outrem aquilo que crê ser a ação divina em sua vida; as manifestações extra cotidianas de glossolalia, profecias e cura divina; a inserção do novo converso em uma comunidade fraternal de “irmãos” organizada à parte da estrutura social vigente e o regramento da vida com base em preceitos ascéticos, são características marcantes do

---

<sup>121</sup> GONZÁLEZ, 2010, p. 417.

<sup>122</sup> GONZÁLEZ, 2010, p. 417. Veja informações sobre o Congresso também em: <http://www.cadp.pt/congresso2008/pt/congresso.html>. Acesso em 20/12/2011

<sup>123</sup> SOUZA, 2004, p. 130.

pentecostalismo assembleiano, cuja expansão ocorreu aceleradamente ao longo de sua história.<sup>124</sup>

As pessoas podem ligar-se a Igrejas porque, consciente ou inconscientemente, veem essas instituições como modo de expressar suas aspirações sociais, mas outros elementos também entram na equação. As pessoas se ligam ou se convertem por adquirirem crenças sobre o reino sobrenatural e sua relação com o mundo visível.<sup>125</sup> Exatamente o que ocorreu com a história citada de José Gomes Moreno, ele não buscava ascensão social, mas a busca era por algo sobrenatural.

### 3.3. 2011: O ANO DO CENTENÁRIO

Os anos se passaram e atualmente a Assembléia de Deus é atuante em 100 % dos municípios brasileiros, além de possuir missionários brasileiros em todos os continentes do mundo.<sup>126</sup>

Dos dias 16 a 19 de julho de 2011 foi realizada em Belém do Pará as comemorações dos 100 anos da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. Para os fiéis foi um momento de muita emoção. Uma Igreja por muito tempo marginalizada de repente está em cadeia nacional de televisão tendo a sua histórica contada. Exemplo disso foram as edições do Jornal Nacional<sup>127</sup> da Rede Globo de Televisão, no dia 16 de junho de 2011, que contou a história da Igreja. Além de edições diárias dos jornais do Estado do Pará fazendo a cobertura do evento.<sup>128</sup>

O jornal “O Liberal”,<sup>129</sup> uma semana após o evento, publicou um encarte especial em sua edição dominical sobre o centenário da Assembleia de Deus, foi

<sup>124</sup> LOPES, Deivis Vânio. A Organização eclesiástica da Assembleia de Deus em Canoas, RS. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, 2008, p. 12.

<sup>125</sup> JENKINS, 2004, p. 111.

<sup>126</sup> [www.senami.com.br](http://www.senami.com.br)

<sup>127</sup> <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/06/igreja-assembleia-de-deus-completa-100-anos-de-existencia.html>. Acesso em 20 de junho 2011.

<sup>128</sup> Textos em Anexo com matérias de dois dos mais importantes jornais impressos do estado do Pará.

<sup>129</sup> O LIBERAL. *Centenário da Assembleia e Deus*. Belém do Pará: Edição de 29 de junho de 2011. Deste mesmo encarte foram retiradas as entrevistas citadas no texto desta dissertação. Cf.

considerado uma publicação histórica por pastores e membros da Igreja que inspirou o crescimento do movimento Pentecostal. Neste encarte foi retratada a criação de um museu nacional, o centro de convenções em Belém e outros momentos marcantes da Igreja. O biomédico Fabiano Lucas Moraes de Castro, 30 anos, disse que o encarte ratifica o marco histórico que a Igreja representa. "É relevante porque a Assembleia de Deus é a primeira igreja evangélica pentecostal no Brasil, fundada em Belém e hoje em todo o país e em quase o todo mundo", assinalou, destacando também a qualidade do material impresso, das imagens e das informações.

Fabiano avalia que, além do caráter histórico, a publicação possibilitará às gerações futuras "lembrarem, aprenderem e continuarem vivendo o fogo pentecostal que chegou a Belém em 1911", disse ele. O avô de Fabiano, José Paulino Estumano de Moraes, foi um dos pastores pioneiros da Igreja em Belém. "A história dessa igreja corre em nossas veias e que, para Honra e Glória do Senhor Jesus, permanecerão até a Sua volta, seja na minha geração ou com meus filhos e netos", disse ele, "grato a Deus por fazer parte da geração do Centenário", completou.

Pastor da Assembleia de Deus da Batista Campos, Guilherme Costa disse que a cobertura jornalística ajudará a mostrar um pouco da festa para os fiéis que não puderam vir a Belém conferir o centenário. "Nós enviaremos vários destes cadernos aos assembleianos de outros estados e, também, a pessoas dos interiores que não tiveram a oportunidade de estar em Belém durante a festa de cem anos", explicou. "O conteúdo da publicação mostra os detalhes da festa. Tenho certeza que muitas pessoas viverão o centenário por meio das palavras e imagens veiculadas nele", completou. "Outro momento feliz foi no Mangueirão, onde nós conseguimos reunir um número de pessoas jamais visto naquele estádio", completou.

Por ocasião do seu centenário, a Igreja Assembleia de Deus recebeu diversos reconhecimentos públicos. Entre eles sessão solene no Senado Federal,<sup>130</sup> inauguração de dois viadutos com o nome de Gunnar Vingren e Daniel Berg; uma avenida, cujo nome é: Avenida Centenário da Assembleia de Deus, que liga o

---

<http://www.orm.com.br/oliberal/interna/default.asp?modulo=247&codigo=540263> Acesso em 30 de outubro de 2011.

<sup>130</sup> [http://www.senado.gov.br/noticias/tv/programaListaPadrao.asp?COD\\_VIDEO=88602](http://www.senado.gov.br/noticias/tv/programaListaPadrao.asp?COD_VIDEO=88602)



aeroporto de Belém ao Centro de Convenções, com capacidade para 22 mil pessoas.<sup>131</sup>

---

<sup>131</sup> Ver fotos nos Anexos.

## CONCLUSÃO

Após uma caminhada introdutória pela base da formação da religiosidade brasileira, desde os seus colonizadores, povos nativos que aqui já estavam e negros trazidos para cá, assim como a chegada da fé protestante, suponho que: a Teologia Pentecostal Clássica se encaixou na alma religiosa brasileira. Com isso, trouxe a realidade espiritual cristã para o seu contexto de vida diária, dando ao indivíduo a possibilidade de acesso direto a Deus e ao mundo espiritual.

Dentro do contexto doutrinário do Pentecostalismo Clássico da Assembleia de Deus a individualização da fé, o incentivo à experiência pessoal caminha até o limite da Bíblia como Palavra de Deus. A Bíblia é vista como a base da fé, e não a experiência, que precisa ser ancorada no texto Sagrado, caso contrário, torna-se apenas uma experiência do indivíduo, mas não pode ser parte da base doutrinária da coletividade. Ainda hoje isso é muito forte. Um exemplo claro são as palavras do Pr. Elienai Cabral, um dos teólogos do Pentecostalismo Clássico:

Na celebração do centenário do movimento pentecostal no Brasil, a essência de suas doutrinas é vista como a ênfase dada à liberdade de expressão espiritual mediante a manifestação dos dons do Espírito Santo. São 100 anos que trouxeram o movimento à maturidade. Essa maturidade, contudo, precisa ser passada em revista em busca de um equilíbrio doutrinário cujo fiel da balança deve ser a Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus.<sup>132</sup>

Para a compreensão do desenvolvimento do Pentecostalismo Clássico em terras brasileiras, a contribuição de Clifford Geertz é importante. Ele ajuda na nossa discussão da Universalização de uma religião. Esse processo, segundo Geertz, “envolve sempre dois movimentos antagônicos, ambivalentes: de um lado, para difundir um sistema universal de crença e ritual este precisa se adaptar a realidades

---

<sup>132</sup> CABRAL, Elienai. *Teologia Pentecostal*. Palestra na VI Semana de Teologia da Faculdade FAIFA. Disponível em: <http://www.faifa.com.br/home/images/stories/biblioteca/semanaassembleiana/2011/construcao%20da%20doutrina%20pentecostal.pdf>. Acesso em 20 de Janeiro de 2012.

locais: do outro, luta pela manutenção de suas diretrizes específicas, isto é, pela preservação de seus princípios, o que garante a sua identidade como religião”.<sup>133</sup>

Dentro desta perspectiva, possivelmente, possa-se aplicar aqui o conceito desenvolvido por Geertz, no qual ele realiza uma análise comparativa sobre o desenvolvimento do Islamismo em duas culturas diferentes: Marrocos e Indonésia, concluindo que as diferenças apresentadas por uma mesma religião em lugares diferentes são geradas por tensões inerentes ao processo de Universalização das religiões, pois variam as estratégias sociais para resolver o dilema: adaptação versus preservação de princípios. Se caminhar um pouco mais e somar à compreensão de Geertz o conceito definido por Max Weber como “afinidade eletiva”, pode-se supor que o desenvolvimento do Pentecostalismo Clássico no Brasil foi favorecido por questões sociais bem particulares da formação do povo brasileiro, que por afinidade, entre todas as possibilidades da teologia evangélica já presente, optou pelo Pentecostalismo, por afinidade cultural.

Por “afinidade eletiva”, entende-se que é um

conceito que nos permite justificar processos de interação que não dependem nem da causalidade direta, nem da relação "expressiva" entre forma e conteúdo (por exemplo, a forma religiosa como "expressão" de um conteúdo político ou social). (...) Naturalmente, a afinidade eletiva não se dá no vazio ou na placidez da espiritualidade pura: ela é favorecida (ou desfavorecida) por condições históricas ou sociais. (...). Neste sentido, uma análise em termos de afinidade eletiva é perfeitamente compatível com o reconhecimento do papel determinante das condições econômicas e sociais.<sup>134</sup>

A junção destes dois pensamentos leva ao conceito dos “dois eixos”, onde há um fixo e outro móvel. O fixo seria o eixo teológico, mais definido, mais claro e comum a todos (mesmo na diversidade). O eixo móvel seria o que se aproximaria às expressões culturais do povo, como por exemplo, o estilo musical, já abordado no texto. No culto pentecostal o fiel participa, canta as suas músicas, tocam os seus instrumentos, as igrejas são implantadas com bandas de músicas.<sup>135</sup> A gaita no Rio

<sup>133</sup> GEERTZ, Clifford, *Observando o islã*. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2004, p. 32.

<sup>134</sup> LÖWY, Michael. *Redenção e utopia*. Trad. port. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989, p. 18.

<sup>135</sup> Essas bandas de músicas são verdadeiras fanfarras. Deve se lembrar que no início do século XX, por exemplo, as marchinhas de carnaval eram tocadas por bandas de instrumentos de sopro e

Grande do Sul, a sanfona no Nordeste e o sempre presente violão. A música é a mesma culturalmente, o conteúdo é diferente, pois o eixo teológico é mantido. Possivelmente, em linguagem sociológica, a aceitação, e o consequente desenvolvimento do Pentecostalismo, tenha mais sentido por uma “afinidade eletiva” do que por planejamento por parte de seus fundadores no Brasil.

É digno de nota, no caso dos membros da Assembleia de Deus, citar que o indivíduo ao chegar à cidade, acompanhando a urbanização do país (como já tratado no texto), o participar de uma comunidade Pentecostal também assumia laços de “pertença”. Pertencendo a esse grupo, todo membro de uma igreja Assembleia de Deus ao viajar a uma outra cidade, mesmo a outro estado, portando uma “carta de recomendação” da igreja de origem é recebido como alguém da “família da fé”. Ao chegar a essa nova cidade, mesmo em um contexto cultural diferente onde o “eixo móvel se moveu para se aproximar da cultural local, encontra, por outro lado, o eixo teológico fixo mantido nos hinos da Harpa Cristã, nas práticas litúrgicas fundamentais (Santa Ceia, batismo, cultos de oração e ensino, escola dominical, grupos de jovens, círculo de oração e obreiros, por exemplo).

Com o passar das décadas e o seu crescimento o Pentecostalismo começou a chamar atenção de pesquisadores. Esse processo de mudança no campo religioso brasileiro, que foi observado mais a partir da década de 70 com a urbanização do país,<sup>136</sup> foi um assunto que obteve destaque durante a 57ª reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) ocorrida em Fortaleza, Ceará.<sup>137</sup> A igreja católica, por exemplo, é a que mais perdeu fiéis nos últimos anos. Em 1940, ano em que o quesito religião começou a fazer parte do censo do IBGE, mais de 95% das pessoas se declaravam católicas; nos anos 70, esse número já havia baixado para 90% e em 1991, quando foi observada uma maior queda, a

---

percussão (bumbo, tarol, pratos), e, no caso do Rio de Janeiro, o desfile era na Avenida Rio Branco. Os cultos de rua (cultos ao ar livre) da Assmbleia de Deus, por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro que dá origem a Assembleia de Deus em São Cristóvão, eram feitos com desfile da banda de música, onde os hinos eram cantados ao som da banda de música.

<sup>136</sup>CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*, São Leopoldo: Sinodal; CLAI Ediciones, 2002.

<sup>137</sup>FECCHIO, Julia. *Religiosidade brasileira é discutida na reunião da SBPC*. [www.agemcom.ufsc.br/index.php?secao=arq&id=310](http://www.agemcom.ufsc.br/index.php?secao=arq&id=310). Reunião ocorrida no dia 22/07/2005. Acesso em 10 de fevereiro de 2011.

porcentagem chegou a 83%, em 2010 o percentual estava em 64,6% da população. No entanto, a quantidade de evangélicos, que envolve diferentes congregações, como a Assembléia de Deus, com mais de doze milhões de fiéis, cresceu de pouco mais de 2%, em 1940, para mais de 22%, segundo o censo de 2010. Há projeções que em 20 anos mais da metade da população seja evangélica.<sup>138</sup>

Matéria publicada pelo conceituado portal de notícias BBC,<sup>139</sup> informa que segundo o Novo Mapa das Religiões, coordenado pelo pesquisador Marcelo Néri, os católicos passaram de 73,8% da população em 2003 para 68,4% em 2009 - uma queda de 5,4 pontos percentuais.

Segundo o mesmo portal, ao mesmo tempo, os evangélicos passaram a representar 20,2% da população, contra 17,9% em 2003. O levantamento foi feito a partir de dados de mais de 200 mil entrevistas da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), do IBGE.

A queda na participação dos católicos na população vem sendo lenta, porém constante, desde o início do século passado, mas havia se mantido estável na medição anterior da Fundação Getúlio Vargas, entre 2000 e 2003.

“Chegamos em 2009 ao menor nível de adeptos ao catolicismo na nossa história estatisticamente documentada”, diz o estudo. “Observamos a queda na proporção de católicos em todas as faixas etárias. Essa mudança foi menor para os grupos com idade mais avançada e maior entre os jovens.”<sup>140</sup>

“A Igreja Evangélica Assembleia de Deus já é a segunda maior igreja do Brasil (em número de adeptos), com grande importância nas classes D e E”, explicou Marcelo Néri à BBC Brasil.

Ainda segundo o Portal, no caso dos evangélicos, o crescimento relativo de adeptos se dá em todas as faixas etárias, embora de maneira mais pronunciada

---

<sup>138</sup> [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) Acesso em 30 de julho de 2012.

<sup>139</sup> [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/08/110823\\_religioes\\_fgv\\_pai.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/08/110823_religioes_fgv_pai.shtml) Acesso em 13 de janeiro de 2012

<sup>140</sup> [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/08/110823\\_religioes\\_fgv\\_pai.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/08/110823_religioes_fgv_pai.shtml)

entre os jovens. Na emergente classe C, os evangélicos representam 21,5% da população – mais do que a média nacional (20,2%).<sup>141</sup>

O aumento do número de evangélicos é mais visível na região norte do país. Rondônia, por exemplo, é o estado onde essa religião está mais presente; 35% das pessoas são protestantes. Esse mesmo estado também apresenta a maior redução da população católica. Apenas no período de 1991 a 2010, o número de católicos reduziu de 71% para 49,2%. Em Rondônia, assim como em todos os estados brasileiro a maior denominação evangélica é a Assembleia de Deus.<sup>142</sup>

Antônio Flávio, um dos palestrantes da 57ª reunião da SBPC, usa o termo “religião de conversão” para classificar a prática das igrejas evangélicas e com isso justifica o movimento crescente no número de fiéis dessas instituições. Um dos diferenciais entre a religião evangélica e a católica é o fato de que a primeira garante o poder divino na concretização das promessas ainda durante a vida, o que não acontece com o catolicismo.<sup>143</sup>

Essa transformação na religiosidade brasileira reforça um processo que os sociólogos denominam de individualização da sociedade. Isso porque uma pessoa não se sente mais obrigada a seguir a mesma religião dos pais, que praticamente é imposta ao indivíduo. Agora, essa escolha é feita segundo as ideias e experiências de cada um. Essa tendência é conhecida como autonomia religiosa, quando são derrubados os tabus que impedem a troca da religião de nascença por alguma outra.<sup>144</sup>

É neste solo brasileiro propício a novas experiências religiosas que a mensagem Pentecostal floresce. Não é sem razão que o Brasil é o maior Movimento Pentecostal do Mundo. Além disso, no “Guia Grande Belém do Grão-Pará”,<sup>145</sup> publicação bi-anual que visa a divulgação das belezas e potencialidades do estado, e

---

<sup>141</sup> Essa pesquisa divulgada pelo Portal BBC são referentes à pesquisas em 2009. O censo de 2010 demonstra que os evangélicos somam 22,2% da população.

<sup>142</sup> Censo de 2010, IBGE Acesso em 30 de junho de 2012.

<sup>143</sup> CAMPOS, Leonildo. *Teatro, templo e mercado; organização e marketing de um empreendimento pentecostal*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/UMESP, 1999, p. 409 e ss.

<sup>144</sup> MARIANO, Ricardo. Os pentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, 1996, nº 44, p. 24 e ss.

<sup>145</sup> BONNA, Mauro & MENDONÇA, Beth. *Guia grande Belém do Grão-Pará 2011-2012*. Belém, PA: Editora Verde & Editora Guia, 2011.

que é distribuído inclusive em feiras internacionais, dedicou duas páginas à história da Assembleia de Deus com o título: “Assembleia de Deus. Cem anos semeando amor e esperança”. Essa mesma publicação encerra declarando que a Assembleia de Deus é “patrimônio histórico e cultural do povo de Belém do Pará”. Cem anos depois, a Igreja fundada por dois suecos, que no seu início não teve nenhum apoio institucional e nem foi fruto de estratégias elaboradas por grande organizações missionárias estrangeiras, tornou-se patrimônio do povo que a abraçou.

Cabe à geração do centenário que vive essa fé entender os dois eixos (fixo e móvel) que, ao que parece, foram de grande importância para que a “afinidade eletiva” acontecesse. Ou seja, o processo para que a mensagem fosse compreensiva aos ouvidos das gerações que se sucederam e que se sucederão.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. *Tradução de João Ferreira de Almeida*. Suplemento 100 anos da Assembleia de Deus. São Paulo: SBB, 2011.

ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2007.

ALVES, Ângela Reiner. *A formação do catolicismo popular brasileiro*. TCC em licenciatura em História. Universidade Estadual do Vale do Acaraú – Campus João Pessoa, PB, 2009.

ANDRADE, Claudionar Correia de. *Manual da Harpa Cristã*, Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

ARAÚJO, Israel. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BERG, Daniel. *Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

BOSCH, David, *Missão transformadora*. Editora Sinodal: São Leopoldo, 2002.

BOBSIN, Oneide. *Produção religiosa e significação social do pentecostalismo a partir da sua prática e representação*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências da religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 1984.

\_\_\_\_\_. *Correntes Religiosas e globalização*. 2. ed. São Leopoldo: IEPG, CEBI, PPL, 2006.



BONNA, Mauro & MENDONÇA, Beth. *Guia grande Belém do Grão-Pará 2011-2012*. Belém, PA: Editora Verde & Editora Guia, 2011.

CABRAL, Elienai. *Teologia Pentecostal*. Palestra na VI Semana de Teologia da Faculdade FAIFA. Disponível em: <http://www.faifa.com.br/home/images/stories/biblioteca/semanaassembleiana/2011/construcao%20da%20doutrina%20pentecostal.pdf>. Acesso em 20 de Janeiro de 2012.

CAMPOS Jr., Luís de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995.

CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja*, São Leopoldo: Sinodal; CLAI Ediciones, 2002.

CAMPOS, Leonildo. *Teatro, templo e mercado; organização e marketing de um empreendimento pentecostal*. Petrópolis/São Paulo: Vozes/UMESP, 1999.

CONDE, Emílio. *História das assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

CONN, Harvie M. *Teologia Contemporanea en El Mundo*. Grand Rapids: Subcomisión Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1985.

COX, Willian E. *An Examination of Dispensationalism* Phillipsburg: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1963.

CORTÉN, André, *Os pobres e o Espírito Santo: O pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

DAMATTA, Roberto. *O que faz do Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 11ª edição, 2000.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

FERNANDES, Rubens César. *Religião Pouco Padre, Pouca Missa e Muita Festa*. [www.itamaraty.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/religiao/apresent/apresent.htm](http://www.itamaraty.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/religiao/apresent/apresent.htm). Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

FECCHIO, Julia. *Religiosidade brasileira é discutida na reunião da SBPC*. [www.agecom.ufsc.br/index.php?secao=arq&id=310](http://www.agecom.ufsc.br/index.php?secao=arq&id=310). Reunião ocorrida no dia 22/07/2005. Acesso em 10 de fevereiro de 2011.

FINNEY, Charles G. *Teologia Sistemática*, Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala*. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

FRESTON, Paul. *Pentecostalism in Latin America*. In *Social Compass*. Louvain: Groupe de Sciences Sociales des Religions, vol.45, nº 3, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Assembléia de Deus*. In: *Nem anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GEERTZ, Clifford, *Observando o islã*. São Paulo: Editora Jorge Zahar , 2004 .

GONZÁLEZ, Justo L. & GONZALEZ Ondina E. *Cristianismo na América Latina, uma história*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 26ª edição, 1995,

HOLLENWEGER, Walter J. *Um operário funda a maior igreja da América Latina: Daniel Berg e as Assembleias de Deus no Brasil*. Caderno de Pós-graduação, ciências da religião No. 4 – São Bernardo do Campo: IMS, 1985.

HORTON, Stanley M., Ed. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

ICE, Thomas, *Entendendo o dispensacionalismo*, São Paulo: Editora Actual, 2005.

JENKINS, Philip. *A próxima cristandade*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

LOPES, Deivis Vânio. A Organização eclesiástica da Assembleia de Deus em Canoas, RS. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, 2008.

LÖWY, Michael. *Redenção e utopia*. Trad. port. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

MACKAY, Juan A., *El otro Cristo Español*. México: Casa Unida de Publicaciones, 2. ed.1952, p.20.

MAFRA, Clara. *Relatos Compartilhados: experiências de conversão ao pentecostalismo entre brasileiros e portugueses*. Mana, v. 6, n. 1, 2000.

MARIANO, Ricardo. Os pentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, 1996, nº 44.

MARIZ, Cecília, Loreto. *El pentecostalismo y el enfrentamiento a la pobreza en Brasil*. Guatemala: AIPRAL y CELEP, 1995, p. 209.

MARASCHIN, Jaci. *Espiritualidade e Religião na América Latina*. São Paulo: Estudos de Religião 4, 1986.

MATOS, Alderi de Souza, *O protestantismo no Brasil*, [http://thirdmill.org/files/portuguese/58714~11\\_1\\_01\\_10-18-11\\_AM~O\\_Protestantismo\\_no\\_Brasil.html](http://thirdmill.org/files/portuguese/58714~11_1_01_10-18-11_AM~O_Protestantismo_no_Brasil.html). Acesso em 7 de julho de 2011.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

MOURA, Clóvis. *Os Quilombos e a religião negra*. São Paulo: Brasiliense, 1981

NÚÑEZ, *Espiritualidade e Oração no Catolicismo e Evangelicalismo da América Latina*

NEGRÃO, Lísias. *A religiosidade do povo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

OLSEN, N. Lawrence, *A half Century of Pentecost en Brazil, Pentecostal evangel*. Springfield, miss: 1961.

PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começos*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PRADO, J. Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo. Colônia*. São Paulo: Brasiliense. 10ª ed. 1992.

RAIOL, Rui, *1911, Missão de fogo no Brasil*. Editora Paka-tatu e Museu Nacional da Assembleia de Deus em Belém do Pará, 2011.

\_\_\_\_\_, *Belém deve pedir perdão a missionário*. Jornal O Liberal, terça-feira, 19 de abril de 2011.

RIBEIRO, Darcy, *O povo Brasileiro – formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil, um interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. *De bem com a vida: o sagrado em um mundo em transformação*, 2001. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado na Universidade de São Paulo – USP, 2001.

SOUZA, Benjamin. *História centenária da Assembleia de Deus*. 8. ed. Belém, PA: AD Belém, 2011.

SOUZA, Alexandre Carneiro. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?; um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira*. Viçosa: Ultimato, 2004.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, ano 42, número 10

VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: o diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.  
[www.pt.wikipedia.org/wiki/Rodrigo](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Rodrigo)

[www.cadp.pt/congresso2008/pt/congresso.html](http://www.cadp.pt/congresso2008/pt/congresso.html)

[www.senami.com.br](http://www.senami.com.br)

[www.g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/06/igreja-assembleia-de-deus-completa-100-anos-de-existencia.html](http://www.g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/06/igreja-assembleia-de-deus-completa-100-anos-de-existencia.html). Acesso em 20 de junho 2011.

[www.senado.gov.br/noticias/tv/programaListaPadrao.asp?COD\\_VIDEO=88602](http://www.senado.gov.br/noticias/tv/programaListaPadrao.asp?COD_VIDEO=88602)

[www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/08/110823\\_religioes\\_fgv\\_pai.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/08/110823_religioes_fgv_pai.shtml) Acesso em 13 de janeiro de 2012

<http://www.orm.com.br/oliberal/interna/default.asp?modulo=247&codigo=540263>

Acesso em 30 de outubro de 2011.

## **ANEXOS**

## 1.1 MAPAS

### 1.1.1 Mapa 1- Portugal





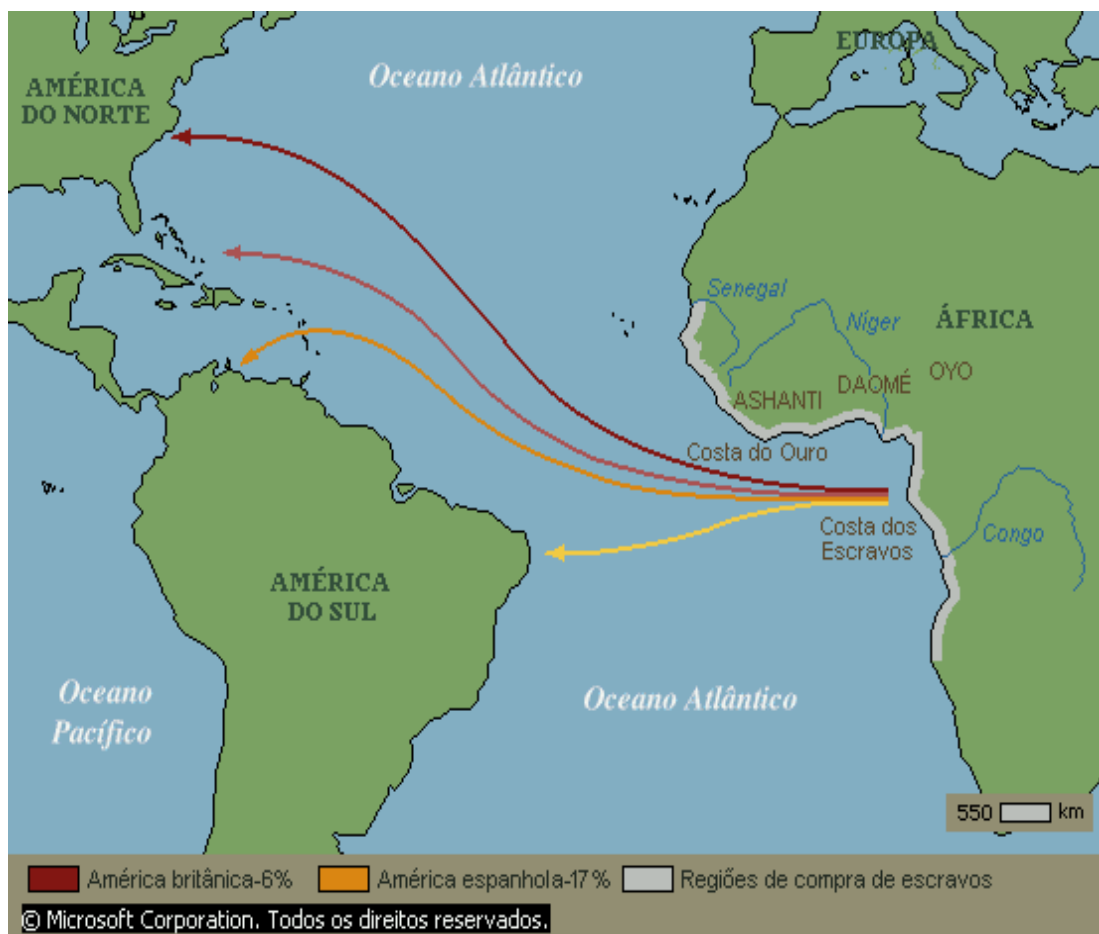
## 1.1.2 Mapa 2 - Espanha



## 1.1.3 Mapa 3 – Portugal e Espanha, suas divisas com o Continente Africano.



## 1.1.4 Mapa 4 – O caminho dos Escravos



Depois de dizimar a população indígena nos primeiros 50 anos de ocupação, os conquistadores europeus das Américas recorreram à captura e comércio de escravos africanos para manter a economia de monoculturas (cana-de-açúcar, tabaco, algodão).

## 1.2 TEXTOS COMPLEMENTARES - Fragmentos

### Texto 1

A permanência dos árabes durante cinco séculos em Portugal influenciou a história, a política e a vida cultural do país.

---

#### **Fragmento de História concisa de Portugal**

Em 711, um exército formado principalmente por soldados berberes atravessou o estreito de Gibraltar e iniciou a conquista da Península. Estava a completar-se um século sobre a data em que Maomet iniciara, na Arábia, a sua pregação (612). Cem anos tinham sido o tempo bastante para que os Árabes tivessem conseguido estender a religião e o domínio político num imenso espaço que ia desde o oceano Índico ao Atlântico. Os fatores que explicam essa rapidez são a fraqueza dos impérios vizinhos (Império Persa e Império Bizantino), as ferozes lutas religiosas que então se travavam no Próximo Oriente entre os judeus e os cristãos e a situação das populações oprimidas das áreas conquistadas, que em várias regiões os acolheram como libertadores.

Ao contrário do que sucede em relação aos Romanos, aos Suevos, aos Visigodos, não é possível fixar num determinado número de anos, ou mesmo de séculos, a duração do domínio muçulmano na Península, porque essa duração variou muito de região para região. Nunca se chegou a exercer nas terras mais setentrionais; todo o país ao norte do Ebro estava de novo sob o domínio cristão em 809. O Porto e Braga foram reconquistados cerca de 868. Coimbra voltou definitivamente à posse cristã em 1064 e Lisboa em 1147. Em Sevilha, Córdoba e Faro, os Mouros estiveram cerca de seis séculos (até aos meados do século XIII); de Granada só foram expulsos nos fins do século XV: a presença moura atinge perto de oito séculos. (...)

A situação das populações perante os invasores dependia da atitude que elas assumiam perante a nova religião: se a aceitavam, passavam a fazer parte da comunidade, com igualdade de direitos e

deveres; se continuavam fiéis ao cristianismo, podiam manter as propriedades e, embora com algumas limitações, realizar o seu culto, mas eram obrigadas ao pagamento de um tributo. Se resistiam de armas na mão, eram aniquiladas: os que não perdiam a vida eram vendidos como escravos. (...)

Como sucedeu muito mais tarde com os judeus, os Mouros queixavam-se de que muitos cristãos fingiam que se convertiam, mas ficavam cristãos por dentro. De resto, a conversão não era obrigatória; a mesquita e a igreja continuavam abertas e não demorou muito tempo que os ex-cristãos não verificassem que a diferença entre os adeptos do Evangelho e os do Corão não era tão grande como eles tinham pensado; na verdade, os Mouros tratavam com desprezo e constantes injustiças os convertidos (...).

Fonte: SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América, Coleção Saber, 1984, pág. 33-36.

## **Texto 2**

O historiador Luis da Câmara Cascudo afirma que poucos povos influenciaram tanto a cultura ibérica, e, por extensão, a brasileira, quanto à islâmica. Na alimentação, linguagem, música, horas de rezar, superstições, pensamentos e até mesmo no hábito de chamar as pessoas com a palma da mão virada para cima — jeito mouro de invocar a boa-sorte — verifica-se a presença dos conquistadores que ocuparam a península durante sete séculos.

---

### **Trecho do livro Mouros, franceses e judeus**

Há uma superstição curiosa e ainda viva e respeitada entre brasileiros e mesmo em gente moça de cidade grande. Não entrar pela porta por onde saiu e não sair pela porta por onde entrou. A exigência acentua-se nas visitas às casas amigas, onde a intimidade permite o livre exercício da credence. É espantosamente antiga. Veio da Arábia através da posse moura e árabe na Espanha e Portugal. No ano de 611, o profeta Maomé combatia esse hábito pré-islâmico, arraigado nas populações pagãs do século VII. Os peregrinos à

Meca, voltando para casa, faziam abrir uma abertura no muro posterior da residência por onde entrassem. Pela porta principal, por onde haviam saído, não ousavam penetrar. Maomé deixou uma alusão expressiva na surata da Vitela (11, 185), tentando fazer desaparecer essa reminiscência herética, do tempo em que a Caaba de Meca hospedava 360 ídolos ou fetiches das tribos árabes. (...) No fim do século XX deparamo-la, íntegra, numa das maiores cidades do Brasil (...).

Alexandre Herculano ensinava que o Portugal muçulmano constava essencialmente de egípcios e mouros. Muitíssimo mais destes que daqueles. Esses mouros foram grandes elementos na dispersão de contos populares orientais (Pérsia, China, Índia), d'Africa Setentrional para África negra nas vias comerciais antiquíssimas, fundindo-se com as populações locais, sudanesas e bantas, e bem anteriores ao avanço teocrático e militar do arabismo maometano. Muitos episódios das Mil e Uma Noites, e outras fontes clássicas, alcançaram o Atlântico por intermédio desses berberes (...). (...)

Mouras legítimas são as exclamativas de desesperação e desabafo, vulgaríssimas entre nós, ARRA! ARRE! IRRA! E a interjeição RAA, com que os nossos comboieiros e tangedores fazem deter e movimentar-se a fila de alimárias nas estradas de tráfico, é a mesma que ocorre na voz dos cameleiros em toda a orla marítima d'África do Mediterrâneo, e pelo mundo árabe da Ásia.

Não está dicionarizado o popularíssimo RALÁ ou ALÁ, de desprezo, abandono, conformação. Não valendo absolutamente o vá lá, mas constituindo positiva invocação divina, ALÁ, "entrego a Deus", "faça-se a vontade de Deus!", é inseparável do vocabulário tradicional e dou meu testemunho do seu emprego contemporâneo e normal. Denuncia-se pela guturalização do R.

Tenho na mais alta importância psicológica essas interjeições e formas comuns de sublimação verbal, significando processos irreprimíveis de exteriorização temperamental, depoimentos autênticos do consuetudinário social, imemoriais e genuínos.

No gesto normal de chamar alguém, o europeu movimenta os dedos para baixo, a mão em pronação. O mouro mexe os dedos para cima, a mão em supinação. Este é o aceno do povo. O primeiro, em pessoas de sociedade.

É tradicional a imprecisão, forma vaga, com que os habitantes no interior do Brasil informam aos viajantes (sic) o espaço a percorrer: — É ALI! ...

indicam, estendendo o lábio e erguendo o queixo, nas famosas léguas de beijo, intermináveis. Renê Basset recorda, na Argélia e Marrocos, a mesma indeterminação alusiva às distâncias futuras. Os mouros, invariavelmente, respondiam: — Ba'id chouia, "é perto", embora distasse muitos quilômetros.

Fonte: CÂMARA, Cascudo, Luiz. *Mouros, judeus e franceses*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1984, págs. 28-29.

### **Texto 3**

O autor procura mostrar que os escravos no Brasil não foram sempre pessoas cordatas e pacíficas. Ao contrário, os quilombolas desenvolveram importante luta política e social.

---

### **Fragmento de Os quilombos e a rebelião negra**

O escravo não foi aquele objeto passivo que apenas observava a história. Não foram os escravos "testemunhos mudos de uma história para a qual não existem senão como uma espécie de instrumento passivo", como quer Fernando Henrique Cardoso, mas, pelo contrário, um componente dinâmico permanente no desgaste ao sistema, através de diversas formas, e que atuavam, em vários níveis, no processo do seu desmoronamento. Ver até que ponto essas lutas se estruturaram como força de transformação (direta ou indireta), até onde puderam chegar a influir social, cultural e militarmente e como essa influência se fez sentir na mudança do sistema é estudo que deve ser aprofundado através de vários trabalhos que não desejem ver a escravidão, no caso do Brasil a escravidão negra, como simples fenômeno episódico e que, pelos próprios mecanismos reguladores do sistema colonial, foi substituído pelo trabalho livre.

Nestes esquemas o escravo é apresentado como simples componente passivo da dinâmica histórica e social, isto para que se possa estabelecer um conceito de estrutura sem contradições.

No entanto, bem outra foi a verdade. (...)

Em que nível ele contribuiu para a dinamização do sistema? A pergunta não é de fácil resposta se somente se procurar ver a sua afirmação no

processo de trabalho. (...) Sem uma visão nova, dinâmica, iremos, por analogia, equiparar as conclusões desses sociólogos e historiadores às resoluções das Ordenações do Reino.

No caso brasileiro, por isto mesmo, há uma tendência a se ver o escravo negro (e antes enfatizávamos o fato de ser escravo e agora o de ser negro) como sendo um simples componente das forças produtivas, sem participação como ser. Esta interpretação vai mais longe ainda: exclui o escravo negro até como força produtiva, pois nela estão os homens com os seus hábitos de trabalho, colocando-o ao nível de instrumento de produção apenas.

Ora, isto decorre, em primeiro lugar, do fato de ser o escravo negro analisado através de estereótipos que, no transcurso da nossa formação social e histórica, contaminaram o subconsciente do brasileiro, através da injeção da ideologia do colonizador: O racismo, expresso concretamente, no caso brasileiro, naquilo que se convencionou chamar eufemisticamente de preconceito de cor. Como elemento subjacente dessa análise estão os próprios componentes ideológicos de quem estuda o assunto, fortemente ou de forma diluída, impregnados da ideologia de que o branco é superior e o negro é inferior. Em segundo lugar, temos como decorrência do primeiro nível de deformação a visão do escravo (no caso brasileiro o escravo negro, insistimos) através da ideologia que o colonizador estabeleceu e as classes dominantes que o sucederam assimilaram.

Fonte: Moura, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo: Brasiliense, 1981, págs. 8-10.

#### **Texto 4**

A escravidão é a primeira forma de sociedade dividida entre dominados e dominadores. Sua origem perde-se no tempo e coincide com o início da civilização. A morte dos prisioneiros feitos durante as guerras permaneceu, até a descoberta de que poderiam ser úteis através do trabalho escravo.

---

#### **Fragmento do artigo "Servidão humana"**

Já havia escravidão muito antes do início do segundo milênio. Antiga, medieval, asiática, europeia, africana — quase todas as sociedades a tinham



de alguma forma. Do século XVI ao XIX, o tráfico transoceânico de escravos transformou quatro continentes: europeus exportaram através do Atlântico de 10 a 15 milhões de escravos africanos, despejando-os nos horrores da servidão perpétua.

A maior migração forçada da História começou lentamente e acompanhou a expansão europeia de conquista e comércio. Os primeiros escravos africanos chegaram ao Novo Mundo em 1509, mas foram poucos até 1530, quando Portugal, primeira nação europeia a negociar com os reinos negros da África ocidental, começou a mandar escravos para as plantações de cana-de-açúcar no Brasil. O sofrimento da travessia era imenso. Arrancados às famílias, acorrentados e levados a pé até o litoral, amontoados em barracões para o embarque, a degradação dos escravos não tinha fim. Ficavam semanas, meses, acorrentados em porões de navios, lado a lado com doentes e agonizantes, sem saber que destino teriam.

Fonte: Revista *Veja*. São Paulo: ano 31, nº 51, 23 de dezembro de 1998, pág. 110 (*Veja Especial*).

### **Texto 5**

Candomblé, batuque, macumba. Estas, e outras religiões, foram trazidos da África por escravos de diferentes etnias. Na opinião do etnógrafo e sociólogo Nina Rodrigues, estas religiões acabaram se desenvolvendo no Brasil a partir de uma só raiz: a cultura nagô que, por muitas razões, impôs seu culto aos de outras tribos africanas.

---

#### **Trecho do livro *Candomblés da Bahia***

Há mais de sessenta anos, à base das suas observações na Bahia, inferia Nina Rodrigues a unidade dos cultos de origem africana, tendo por modelo a religião dos nagôs. Investigando as causas “pouco estudadas, mas por vezes facilmente presumíveis”, que determinaram a predominância de uma ou de outra das religiões africanas nos vários pontos do Novo Mundo, apontava “a precedência na aquisição de riquezas ou da liberdade” por parte dos nagôs na Bahia, para concluir: “Uma vez organizado o culto, facilmente se compreende que, de preferência ao culto católico de que nada ou pouco

podiam compreender, houvessem os negros de outras nações e procedências adotado como sua essa religião africana, que estava mais ao alcance da sua inteligência rudimentar, e mais de acordo com o seu modo de sentir". Entretanto, as palavras iniciais do primeiro capítulo da sua obra pioneira continham uma cautela: "Não era lícito esperar que os negros pudessem ter na América grande uniformidade nas suas crenças religiosas".

Quando os seus trabalhos chegaram novamente às mãos dos estudiosos, entre 1932 e 1935, logo se levantou contra Nina Rodrigues a acusação de exclusivismo nagô, de menosprezo das religiões trazidas por outras tribos africanas. As pesquisas empreendidas, sob o influxo da sua obra, em pontos que não a Bahia, revelaram elementos religiosos de marca diferente, aparentemente sem explicação plausível dentro do seu esquema, que pareciam confirmar a reserva que se lhe fazia. Com efeito, candomblé, macumba, xangô, batuque, pará, babaçuê, tambor não seriam designações de cultos diferentes, distintos uns dos outros? A meia-noite, numa cerimônia de macumba carioca ou paulista, todos os crentes são possuídos por Êxu — uma prática que constitui um verdadeiro absurdo para os fregueses dos candomblés da Bahia. O tocador de atabaque de qualquer ponto do país ficará surpreendido e atrapalhado ao encontrar esse instrumento montado sobre um cavalete, horizontalmente, com um couro de cada lado, no Maranhão. Que o pessoal das macumbas do Rio de Janeiro se apresente uniformizado, e não com vestimentas características de cada divindade, não pode ser entendido por quem freqüente os candomblés da Bahia, os xangôs do Recife ou os batuques de Porto Alegre. E, vendo dançar o babaçuê do Pará com lenços (espadas) e cigarros de tuari, os crentes de outros Estados certamente franzirão o sobrolho. Se tais coisas normalmente acontecem, não será porque esses cultos são diversos entre si?

Muitas dessemelhanças formais, que tendem a multiplicar-se com o tempo, mascaram, realmente, a unidade fundamental dos cultos de origem africana. Nina Rodrigues não pôde estabelecer e demonstrar tal unidade, mas as pesquisas que inspirou, abarcando quase tôdas as manifestações religiosas do negro no Brasil, já nos dão a oportunidade de fazê-lo. Levando em conta que esses cultos, naturalmente de modo desigual em cada lugar, estão sofrendo um acentuado processo de nacionalização desde a cessação do

tráfico em 1850, poderemos determinar aquilo que os distingue como de origem africana e tentar uma sistematização dos tipos em que podemos dividi-los, dentro da unidade sem uniformidade tão justamente inferida por Nina Rodrigues.

Fonte: Carneiro, Edison. *Candomblés da Bahia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1961, págs. 13-14.

---

### 1.3 Fotos do centenário

#### 1.3.1 Avenida centenário



#### 1.3.2. Elevado Daniel Berg



### 1.3.3 Elevado Gunar Vingren



### 1.3.4 Igreja Mãe (sede) da AD em Belém do Pará



### 1.3.5 Estádio Olímpico Mangueirão no dia da comemoração do Centenário da Igreja



1.4 Textos dos dois principais jornais impressos de Belém do Pará (Jornal O Liberal e Diário do Pará), no período das festividades do Centenário da Assembleia de Deus.

---

Jornal O Liberal

**Avenida celebra 100 anos da Assembleia**

Edição de 07/04/2011

**TROCA**

**Logradouro que fazia homenagem a escritor marajoara recebe novos nomes**

O presidente da Assembleia de Deus, pastor Samuel Câmara, esteve na terça-feira, 5, na Câmara de Belém para agradecer os vereadores pela aprovação do projeto que troca o nome da Avenida Dalcídio Jurandir para Avenida Centenário, em homenagem às comemorações de 100 anos da Assembleia de Deus. A avenida foi inaugurada no ano passado como prolongamento da Independência, no perímetro entre as avenidas Júlio Cesar e Augusto Montenegro. O projeto de lei subscrito pelos vereadores José Scaff Filho (PMDB) e Iran Moraes (PSB) foi aprovado na última segunda-feira por unanimidade.

A mudança tramitava há vários meses na Câmara. Com a aprovação do projeto, a avenida terá dois nomes. Da Avenida Julio Cezar até a Augusto Montenegro será chamada Avenida Centenário da Assembleia de Deus; do outro, que vai em direção a Ananindeua, será avenida Jornalista Laércio Barbalho.

Durante a sessão, o presidente da Câmara Raimundo Castro e o vereador Raul Batista enfatizaram os serviços que a Igreja presta à cidade, através de suas inúmeras ações sociais. Ao final, todos os vereadores de Belém receberam das mãos do pastor Samuel Câmara uma carta de agradecimento.

A Assembleia de Deus foi fundada em 18 de junho de 1911 em Belém, pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vigren. O projeto de mudança de nomenclatura foi do vereador Iran Moraes. A segunda homenagem é de autoria do vereador José Scaff Filho. O Centenário da Assembleia de Deus será celebrado em Belém, entre os dias 16 e 18 de junho deste ano.

---

Jornal O Liberal

## **Fiéis se uniram para agradecer e orar pela vida da igreja**

Edição de 17/06/2011

<http://www.portalorm.com.br/oliberal/interna/default.asp?modulo=247&codigo=538320>

A primeira noite da programação oficial comemorativa dos 100 anos de fundação da Assembleia de Deus, ocorrido em 18 de junho de 1911, foi marcada pela demonstração de fé e gratidão a Deus por cerca de 60 mil membros dessa igreja pentecostal, em celebração no Estádio Olímpico do Pará, o Mangueirão, no bairro do Benguí. A programação contou com pastores e representantes de igrejas de municípios do interior do Estado e de outros centros do País, e, em particular, com a presença de familiares e amigos dos fundadores da Assembleia de Deus, Daniel Berg e Gunnar Vingren. "Essa programação aqui hoje (ontem) é uma forma do povo do Deus externar a sua gratidão a Deus pelo centenário da Assembleia de Deus, e pelos cálculos que temos da segurança são cerca de 60 mil participantes, mas como muita gente ficou do lado de fora do estádio, nós pretendemos amanhã (hoje) liberar o espaço do gramado para que mais pessoas possam participar da programação, e aí esse público poderá ultrapassar a 100 mil espectadores", observou o presidente da Assembleia de Deus, pastor Samuel Câmara.

"Essa vibração toda que vemos aqui no estádio se dá porque a Assembleia de Deus é fortalecida por seus leigos, pelos crentes, a igreja não é dos pastores, não é de ninguém, ela é dos joelhos que se dobram para orar, das mãos que trabalham e do coração que vibra, e eu me alimento dessa vibração externada aqui", ressaltou, emocionado, Samuel Câmara. A presidente Dilma Rousseff foi convidada a participar da programação do centenário amanhã, data de fundação da igreja, mas somente nas próximas horas a vinda da presidente da República deverá ser confirmada ou não ao comitê organizador da festa dos 100 anos da AD. O governador Simão Jatene e o prefeito de Belém, Duciomar Costa, foram convidados e deverão estar presente aos eventos de amanhã.

Na celebração de ontem no Mangueirão participaram deputados federais e estaduais, vereadores e lideranças das igrejas no Brasil, em particular o presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, pastor José

Wellington Bezerra da Costa, que enalteceu a presença de todos no estádio e saudou o centenário da AD a partir de Belém.

## **Jornal O Liberal**

### **Assembleia de Deus mira no futuro**

Edição de 21/06/2011

[http://www.orm.com.br/2009/noticias/default.asp?id\\_noticia=538999&id\\_modulo=19](http://www.orm.com.br/2009/noticias/default.asp?id_noticia=538999&id_modulo=19)

## **TECNOLOGIA**

### **Emissora evangélica é a base digital para difusão do pentecostalismo**

O Centenário da Assembleia de Deus, celebrado no último dia 18, marca a união do povo de Deus para seguir em frente na pregação da mensagem divina, inclusive, por meio de projetos em ciência e tecnologia dessa igreja pentecostal, fundada em Belém do Pará pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, para maior veiculação do Evangelho. Essa disposição renovada dos assembleianos foi ressaltada, ontem à noite, pelo presidente da AD, pastor Samuel Câmara, ao coordenar um culto em ação de graças com cerca de 23 mil membros de congregações da igreja no Centenário - Centro de Convenções, na avenida Augusto Montenegro.

"O povo de Deus, muitas vezes, só precisa de um motivo, de um incentivo para se unir e caminhar, e Deus escolheu o tempo certo do Centenário para unir ainda mais o povo de Deus; comemoramos o passado, e nos voltamos, agora, ao presente e ao futuro, buscando sermos eficientes como foram os fundadores da igreja até aqui", afirmou Samuel Câmara. O pastor destacou como dois momentos importantes na programação do Centenário a presença de cerca de 100 mil participantes da festa no estádio Mangueirão, sábado à noite, dia 18, e a presença do arcebispo metropolitano de Belém, dom Alberto Taveira, naquele evento, demonstrando o bom convívio dos assembleianos com a diversidade de fé, como salientou Câmara.

## **MENSAGEM**

Entre os novos desafios para a Assembleia de Deus está um projeto de ciência e tecnologia para disseminar a palavra de Deus no Brasil e no mundo, por meio da TV Boas Novas. "Esse uso da tecnologia visa levar a mensagem de Deus para as famílias, para os cidadãos brasileiros, para que os jovens

tenham uma opção de fé, de responsabilidade moral e religiosa", afirmou Samuel Câmara. Nesse cenário de tecnologia, durante a caminhada comemorativa da chegada dos missionários fundadores da AD a Belém, a igreja deu mostra da sua força nas mídias sociais: a *hashtag* da AD foi a segunda mais citada no twitter no Brasil.

---

*Diário do Pará*

17/06/2011

### **Museu inaugurado conta saga da igreja**

<http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-135361-MUSEU+INAUGURADO+CONTA+SAGA+DA+IGREJA.html>

“Para mim é uma felicidade poder acompanhar nesta exposição a história da nossa igreja, uma história da qual eu também faço parte”, afirmou Xista Monteiro, 67, ao visitar pela primeira vez o Museu Nacional da Assembleia de Deus, inaugurado ontem, na rua São Diogo, no bairro da Campina.

Já o casal de primos Daniele e Wellington Dantas mostrou-se encantado com o acervo, que possui peças do início do século XX. A dupla veio da cidade de Picuí, na Paraíba, para acompanhar a programação do Centenário. “Já conhecemos a história da Assembleia de Deus, mas resolvemos vir a Belém para presenciar o início desta aventura pentecostal in loco”, afirma Wellington.

A ideia do museu foi alimentada pelo pastor Samuel Câmara desde 1994, quando foi construído o Museu Histórico da Assembleia de Deus, com um acervo discreto, no térreo do Templo Central. “A igreja vem guardando estes objetos ao longo dos anos. E com a proximidade do Centenário decidimos construir um espaço específico para este acervo”, conta o pastor Ruy Raiol.

O museu é dividido em cinco salas. A primeira é a solene “História da Assembleia”, onde estão em exposição objetos pessoais dos pioneiros, entre eles os baús dos missionários Samuel Nystrom e Nels Nelson e a bússola do barco Boas Novas.



O espaço “Mensagem de Vingren” convida o visitante a conhecer a história da Assembleia através de um mural e de objetos litúrgicos, como a jarra utilizada nos cerimoniais de ceia. Já a sala “Linha do Tempo” traça o desenvolvimento da igreja no Brasil desde 1911 até os dias atuais. A mostra atraiu cerca de 300 visitantes somente no primeiro dia.

## CONVIDADOS

Os familiares de Gunnar Vingren e Daniel Berg e caravanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Fortaleza e do interior do Pará marcaram presença no local, além de autoridades como o prefeito de Ananindeua, Helder Barbalho.

---

*Diário do Pará*

18/06/2011

### **Mangueirão foi pequeno para tanto amor e emoção**

<http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-135422->

MANGUEIRAO+FOI+PEQUENO+PARA+TANTO+AMOR+E+EMOCAO.html

Não havia como escapar da sina. Com o predestinado sobrenome de Evangelista, a paraibana Priscila, 23 anos, exibia com orgulho a bandeira do Estado enquanto amigos filmavam quase tudo ao redor. A professora Priscila era mais uma voz entre milhares a festejar no Mangueirão o segundo dia da celebração do Centenário da igreja Assembleia de Deus.

“É uma sensação maravilhosa a que estou sentindo”, dizia. Priscila Evangelista chegou a Belém no domingo passado. Com ela mais 13 pessoas, que tomaram o voo da capital paraibana até a capital paraense. Tudo para não perder a semana de celebrações.

Evangelista e amigos não eram os únicos. Do interior do Estado ou de outras cidades brasileiras, eram muitos os sotaques misturados na arquibancada do Mangueirão.

Os irmãos Marta, 35, Nair, 30, Evandro, 35, Narciso e o também predestinado Divino, 20 anos, vieram de Belo Horizonte. Chegaram de ônibus na terça-feira.

Marta filmava tudo. Divino fotografava. De sobrenome Gonçalves, a família mineira se dizia encantada. “Não imaginávamos que iria ser tão intenso

assim”, dizia Marta. Nos intervalos da programação, passeios turísticos. “Já andamos de barco, conhecemos a feira. Estamos gostando muito”, diz ela.

No Mangueirão havia motivos para o encantamento da família. Coreografias coloridas e bem ensaiadas levavam os fiéis ao delírio. As 19h já não havia mais quase lugar nas arquibancadas centrais.

No gramado, o que foi exaustivamente ensaiado nos últimos meses ganhava vida.

As palavras ‘Centenário’, ‘Jesus’ e o número ‘100’ foram formadas pelos jovens coreógrafos. Alternavam-se às apresentações musicais no palco. O simbolismo da chegada dos pioneiros Gunnar Vingren e Daniel Berg também foi representado.

O mapa do Brasil foi formado pela coreografia humana. Um barco entrava pelo Pará. Ovações entusiásticas se faziam ouvir a cada menção a um Estado onde a Assembleia de Deus havia se espalhado no Brasil.

Outro momento que levou o estádio ao delírio foi a execução do Hino Nacional Brasileiro. Uma imensa bandeira foi desenrolada ao lado da arquibancada comumente destinado à torcida do Clube do Remo.

### **Famílias inteiras juntas pela fé**

“Ó gloria. Ó Glória”, repetia nesses momentos a maranhense Maria Bezerra da Silva, 56 anos. “É muito emocionante”, dizia. “É um privilégio estar aqui nesse momento tão importante”.

Vendedora autônoma, Maria mora no bairro da Marambaia. Ao lado dela, o irmão Isaías Bezerra, 61, aproveitou a vinda a Belém para tratar de um problema no coração e o colocou em teste durante a celebração. “É uma emoção forte. Mas dá para aguentar”, disse. Bezerra mora em Tucuruí.

Do mesmo município veio a caravana que trouxe a técnica de enfermagem Irislene Sousa, 29 anos. Foram dois ônibus lotados de fiéis. “Estão todos espalhados, hospedados na casa de parentes e amigos”. O grupo chegou na quinta-feira de manhã. “Estamos amando”, resumia ela.

Depois do show coreográfico, foi a vez da pregação dos pastores. Pelo menos 12 iriam se revezar rapidamente.

O mais esperado era o pastor Silas Malafaia, nome quase mítico atualmente na Assembleia de Deus.

“Minha família toda veio saudar a glória do Senhor”, afirmava Raimundo Cândido Nazareno, 52 anos, ao lado de mulher e três filhos. Moradores do bairro da Terra Firme, diziam que só iriam embora ao final de todo o evento.

### **Fiéis lotam Centro de Convenções**

Do lado de fora do Centro de Convenções da Assembleia de Deus, ônibus chegam a todo momento, lotados de fiéis. Na entrada, a recepção é feita de diversas maneiras. O “exército de Jesus” está posicionado e anuncia acontecimentos catastróficos que ocorreram pelo mundo. Outros distribuem orações e fazem fotos na entrada do centro.

O publicitário Marcos Oliveira chega com a família. Direto do aeroporto, todos seguiram ainda com as malas para o Centro de Convenções. Vieram de Manaus especialmente para as comemorações. “Resolvi vir em cima da hora e vamos ficar até o domingo. Com certeza valeu a pena ter vindo”, disse.

Dentro do centro, as histórias de fé se unem para comemorar mais um dia na programação do centenário da igreja. Milhares de pessoas lotaram o centro na manhã de ontem para participar das pregações, orações e louvores.

Nas palavras do pastor Marcos Feliciano, vindo de São Paulo para participar das comemorações, a dona de casa Maria Andrade encontrou motivação para continuar falando de Deus.

“Me sinto tão feliz e abençoada, cada vez com mais vontade de pregar a palavra do Senhor para as pessoas. É uma emoção muito grande poder participar desse momento único”.

Para a jovem Luiza dos Santos, o momento dos louvores é um dos mais especiais das celebrações. “Gosto muito das músicas, as letras são muito bonitas e trazem mensagens de paz”, contou.

---

*Diário do Pará*

*19/06/2011*

### **Memória viva dos primórdios da igreja centenária**

<http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-135506->

MEMORIA+VIVA+DOS+PRIMORDIOS+DA+IGREJA+CENTENARIA.html

Ela caminha em passos miúdos. Com disposição, adentra a sala da sua residência na travessa 9 de Janeiro, entre Antônio Barreto e Diogo Moia, onde os nove filhos foram criados. Com a vista já fraca, pergunta onde estão as

peças que vieram conversar com ela e não esconde a ansia em refazer a própria trajetória, uma história que se confunde com a trajetória da Assembleia de Deus.

Maria Correia completou 94 anos de idade na sexta, véspera do Centenário. Seguidora da igreja desde 1924, Maria é considerada a evangélica mais antiga ainda viva. Com bom humor e lucidez, ela começa a tecer suas lembranças mais remotas. “Lembro que eu tinha sete anos quando disse para a minha mãe que queria aceitar Jesus. Via as pessoas na igreja orando e cantando os hinos e queria participar também”, recorda-se.

A escolha espontânea de Maria em fazer parte da Assembleia de Deus contou com o apoio dos pais, Canuta e Frutuoso Queiroz. O casal começou a frequentar os cultos da igreja ainda em consolidação e abriu as portas de sua casa para recebê-los. “Assisti ao culto daqueles que vieram para trazer a palavra [referindo-se a Samuel Nystron e Nels Nelson. Era criança e, quando fui aprendendo a ler, fui conhecendo as escrituras e o trabalho deles”, conta.

Sobre os cultos realizados na casa dos pais, Maria recorda da presença de Celina Albuquerque, a primeira assembleiana a ser batizada pelo Espírito Santo: “Ela era uma senhora idosa. Lembro dela na sala de casa, participando dos cultos”. E por falar em batismo, Maria teve o privilégio de ser batizada pelo Pastor Nels Nelson, que na época era dirigente da Igreja Mãe, na 14 de Março: “Fui batizada e também presenciei batismos, tanto os realizados pelos homens como pelo Espírito Santo, quando a pessoa fala línguas estranhas, tomada pela força do Senhor”.

A relação de Maria com a igreja, estabelecida ainda na infância, se consolidou ao longo das décadas, quando ela começou a participar ativamente dos trabalhos da Assembleia de Deus. Durante seis décadas, ela exerceu as funções de dirigente dos Circuitos de Oração e diretora da Escola Dominical nos bairros de Fátima e Umarizal. Mas o seu trabalho mais apaixonante foi com a música. Dirigente do Coral das Senhoras, Maria dividiu com outras fiéis o seu prazer em cantar. Prática que até hoje ela desempenha com maestria, ao cantarolar todos os dias dezenas de hinos dos quais ainda recorda.

Sobre esta ligação com a música, o filho Elias comenta. “O primeiro hinário da Assembleia de Deus possui 524 hinos e ela lembra cerca de 60%

deles. O dia dela é cantando. Pode perceber que ela termina de falar uma coisa e volta a cantar outra vez”, emociona-se.

Perguntada sobre como consegue lembrar todos estes louvores, Maria é categórica: “Não tem como esquecer as coisas de Deus”.

Devido à idade avançada, Dona Maria deixou de desempenhar as suas atividades evangelizadoras e de frequentar a igreja. Mas quando dá, ela vai acompanhada da filha Edite assistir aos cultos. “Quando ela está bem de saúde a gente leva ela ao templo. Esta semana mesmo ela fez questão de participar da concentração no Estádio do Mangueirão em comemoração ao Centenário. Essas visitas são feitas com dificuldades, mas com o coração”, conta a filha.

Como disse a própria Maria, as dificuldades nunca a afastaram da palavra de Deus. Tanto que diariamente ela realiza um ritual pessoal de congregação, onde ela ora, canta seus hinos favoritos e acompanha trechos da Bíblia narrados pelos seus filhos. Além disso, amigos e familiares se reúnem eventualmente em sua casa para orar.

E neste 94º aniversário, Maria ganhou um presente especial. Uma homenagem pelo templo da Assembleia de Deus do Umarizal, no mesmo dia em que é celebrado o Centenário da igreja que Maria ajudou a construir. “Me criei na Assembleia e cresci junto com ela. Sou muito feliz por fazer parte desta igreja e desta história”.

### **Batismo das Águas leva mil ônibus hoje a Outeiro**

A cena promete ser digna de epopeias bíblicas. Mais de mil ônibus dirigindo-se ao mesmo local, a Praia Grande em Outeiro. Lá, às 10h, terá início o Batismo em Águas, uma das maiores concentrações nesse sentido já feitas em Belém. Até a sexta-feira mais de 1.500 pessoas já haviam sido inscritas para participar do batismo coletivo.

Não chega a ser as cinco mil pessoas previstas de início, mas a Assembleia de Deus estima que cerca de 3 mil pessoas sejam batizadas. O Batismo em Águas é um dos últimos momentos da celebração do centenário da igreja.

Com um trio elétrico, a Comissão de Batismo fará uma grande evangelização antes do início dos batismos. A programação contará com a presença de cantores gospel. O Batismo em Águas será celebrado por uma comissão formada pelos pastores Eurípedes Moraes, Joel Jardim e André Luis.

---

“Essas pessoas aceitaram Jesus e se candidataram ao batismo. Receberam aulas sobre a importância desse batizado”, disse o pastor Eurípedes. Segundo ele, para participar do Batismo em Águas, os fiéis procuraram os templos dos seus bairros para adquirir uma espécie de ‘kit batismo’, que consiste em uma bata e um certificado.

Em Outeiro, será montada uma estrutura de suporte até para quem não teve chance de se cadastrar com antecedência. “A pessoa que ainda não é batizada e que já tenha aceitado a Cristo como Salvador poderá fazer a inscrição no local e se batizar. Todos serão muito bem-vindos”, diz o pastor.

As cerimônias acontecerão em grupo e contarão com o apoio de dezenas de pastores. Uma tenda servirá de apoio para receber os irmãos e ajudar na preparação para a cerimônia. Como o batismo é feito por imersão, ou seja, mergulhando a pessoa na água, equipes dos bombeiros e uma ambulância estarão a postos para qualquer emergência.

“Temos 500 templos da Assembleia de Deus em Belém. Se cada uma levar um ônibus, teremos 500 veículos dirigindo-se ao Outeiro”, diz o pastor Eurípedes. O local terá um espaço destinado à troca de roupas dos fiéis.

Na solenidade, o presidente da Assembleia de Deus no Pará, pastor Samuel Câmara, também batizará alguns fiéis e participará da evangelização na praia.

“O objetivo é levar a palavra de Deus a todos os presentes”, diz ele. “Vai ser um dia maravilhoso. Estamos ansiosos e com a grande expectativa de reunir centenas de irmãos em louvor e agradecimento a Deus”, complementa o pastor Eurípedes.

Apesar de ser uma comemoração evangélica, o Centenário da Assembleia de Deus faz parte da história do Pará e desperta a curiosidade de pessoas de outras religiões que serão acolhidas de braços abertos.

“O povo paraense é muito crédulo. Nós temos em Belém uma força católica imensa e a maior força evangélica pentecostal do mundo. Isso não existe em outro lugar. Então, todos serão muito bem-vindos e podem esperar a grande receptividade dos evangélicos, que deixarão as quatro paredes dos seus templos para externarem o amor que têm por Belém e pelo próximo, independente de religião”, garante o pastor Samuel Câmara.

---

*Diário do Pará*

## **Cerca de 2 mil pessoas no Batismo nas Águas**

20/06/2011

<http://www.diarioonline.com.br/noticia-153339-cerca-de-2-mil-pessoas-no-batismo-nas-Aguas.html>

“Foi uma vitória de Deus nesse Centenário”. Entre lágrimas, Sebastiana Macedo, 43 anos, resumia o batismo recebido ontem (19) na Praia Grande, no Outeiro. Sebastiana fez parte da multidão que veio dos mais variados bairros de Belém participar do “Batismo das Águas”, programação alusiva aos 100 anos da igreja Assembleia de Deus. Quase duas mil pessoas, segundo estimativas dos coordenadores, participaram da cerimônia. O “Batismo nas Águas” foi um dos últimos momentos da intensa programação da Assembleia de Deus para celebrar o primeiro centenário.

Com um trio elétrico puxando a celebração, foi feita uma grande evangelização antes do início dos batismos. O Batismo em Águas foi celebrado por uma comissão formada pelos pastores Eurípedes Moraes, Joel Jardim e André Luis.

Com a maré enchendo no momento dos batismos, iniciados às 10h45, os cuidados eram dobrados. Caravanas da Bahia, de Criciúma, Minas Gerais, Goiânia e Santos, acompanharam de perto a ação evangélica. “É uma satisfação muito grande participar dessa festa. A gente faz parte dessa história”, disse o pastor Natanael Medeiros, da Bahia.

Mal contendo a emoção Maria Elza dos Santos, 42 anos, saiu cedo do Guamá. Com ela, o filho Felipe dos Santos, 12 anos, cadeirante. “É uma bênção”, dizia ela. Felipe também acreditava nisso. “Estou feliz, mas só com um pouco de medo”, disse.

Segundo o pastor Eurípedes Moraes, para participar do ‘Batismo em Águas’, os fiéis procuraram os templos dos seus bairros para adquirir um kit batismo, que contém uma bata e um certificado. Mas para quem não teve chance de se cadastrar com antecedência, houve uma comissão de inscrição para receber os membros que não haviam sido inscritos. “A pessoa que ainda não é batizada e que já tenha aceitado a Cristo como Salvador, pode fazer a inscrição no local e se batizar. Todos foram muito bem-vindos”, diz.

As cerimônias foram feitas em grupo, contando com o apoio de dezenas de pastores. Uma tenda serviu de apoio para receber fiéis e ajudar na preparação para a cerimônia. “É um dia maravilhoso”, resumiu o pastor.

Foi o que sentiu a menina Vitória de Albuquerque, 12 anos. Moradora do bairro do Curió-Utinga, veio com uma caravana de dez pessoas. Da Pedreira, o pastor Ronaldo Almeida trouxe nove pessoas para o batismo. “Aqui tem gente de 9 a 39 anos”, disse, explicando que muitas crianças já tem a consciência de Deus, por isso podem ser batizadas.

Um dos primeiros a batizar foi o pastor Dionísio Maciel, de Val-de-Cães. Com ele, o filho Eider, de sete anos. “Não há glória maior. Meu filho teve a oportunidade de participar dessa festa. Como pastor e como pai, vivo uma felicidade imensa neste momento”, afirmou.

Em fila, os grupos iam aos poucos se dirigindo às águas. Uma equipe de segurança dos bombeiros monitorava as ações. O batismo em si era rápido. O pastor responsável imergia o fiel de corpo inteiro. Restava ao final, a emoção. Os recém-batizados buscavam o registro em fotos com amigos e familiares. “Há um ano aceitei Jesus. Hoje tinha de participar dessa festa”, afirmou Raimunda Celina, 66 anos, antes de ser abraçada pela neta e pela filha e posar para uma foto ainda com a bata molhada.